

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

OUTUBRO/1981

Semana de Oração

Pág. 4

Semana de Oração
das Crianças

Pág. 30



Mensagem dos Oficiais da Conferência Geral

As leituras da Semana de Oração de 1981 abordam o tema: «A Família de Deus». Elas são, na verdade, desafiadoras e deveriam originar uma reacção responsiva nos corações dos Adventistas do Sétimo Dia em todo o mundo. E isto porque os Adventistas do Sétimo Dia são compostos de pessoas de toda a nação, tribo, língua e povo do mundo. Somos um — um em esperança, um em espírito, um em devoção. Provimos de muitas culturas, nacionalidades, raças e passados históricos. No mundo tais factores são motivo de divisão. Estas diferenças, por vezes, originam desconfiança, suspeita e até ódio. Mas, como Adventistas do Sétimo Dia, reconhecemos que não obstante a origem duma pessoa, a cor da sua pele, a sua nacionalidade, ou a língua que possa falar, quando dá o seu coração a Jesus Cristo e se une à Igreja Adventista do Sétimo Dia torna-se um membro da família de Deus.

É uma visão emocionante, para aqueles de nós que assistem a uma sessão da Conferência Geral, ver milhares de pessoas de toda a nação sob os céus, cantando, orando e adorando juntas. Há um laço de companheirismo e de amor que une os nossos corações. Podemos não ser capazes de falar a língua de cada um, mas apertamos as mãos uns dos outros. Há um sorriso de aceitação e de reconhecimento, e sabemos que, no fundo dos nossos corações, amamo-nos, na verdade, uns aos outros porque pertencemos à Família de Deus.

Os vossos oficiais da Conferência Geral estão bastante ansiosos que durante esta semana, nós Adventistas, renovemos os nossos laços de companheirismo uns com os outros e que oremos fervorosamente pela unidade da igreja nestes dias de tensão e divisão no mundo. Exortamos cada membro a orar pela unidade na sua própria família, porque a família de Deus é composta por famílias dos membros de igreja. Satanás tem feito grandes investidas no seio das famílias. Há lares sendo desfeitos em toda a parte. Infelizmente, até mesmo entre o povo de Deus há lares sendo desfeitos.

Por conseguinte, instamos que durante esta Semana de Oração renovemos os nossos votos de dedicação e lealdade a cada membro da nossa família. O pai, a mãe e os filhos unidos em afeição e amor e reconhecendo que precisam uns dos outros. Ao cimentarmos as nossas relações em casa, lançamos uma base para a unidade dentro da igreja e dentro da família de Deus constituída por pessoas de todas as nações da terra. Há certos privilégios e responsabilidades em sermos membros duma família, e estes serão salientados nas mensagens desta semana.

Os vossos oficiais da Conferência Geral instam convosco para que esta Semana de Oração não seja apenas mais uma semana de oração, mas uma semana de grande reavivamento espiritual. Esperamos que, em várias partes do mundo, cada membro decida assistir às reuniões. Mas além de assistirmos às reuniões na igreja, possamos ter culto nos nossos lares. Possam aqueles que precisam de renovar o altar da família fazer isso mesmo. Cimentemos, pois, a unidade da família em amor e culto a Deus. Os vossos oficiais da Conferência Geral estão orando convosco para que esta seja a maior Semana Espiritual de Oração, no seu impacto e alcance, que jamais tivemos. Que Deus abençoe a cada um de vós durante esta semana especial.

SUMÁRIO

- Mensagem dos Oficiais da Conferência Geral
- Editorial
- Semana de Oração dos adultos
- Semana de Oração das crianças
- Uma mensagem do Presidente da Conferência Geral

Revista Adventista

Publicação mensal

OUTUBRO DE 1981
ANO XLII N.º 421

Director: J. MORGADO

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÂNTICO

Redacção

e

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º

Telefone 251 0844

2686 SACAVÉM CODEX

Execução gráfica:

SANTOS & COSTA, LDA. - artes gráficas
Vale Travelho — 2480 Porto de Mós

Preços:

Assinatura Anual 200\$00
Número Avulso 20\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

O número da Revista Adventista de Outubro é dedicado à Semana de Oração.

Durante anos a Igreja tem dedicado uma semana anualmente à oração. Creio que pensamos todos que dedicar por ano uma semana à oração é pouco, pouquíssimo mesmo. Não creio, porém, que seja este o sentido dos dias especiais que no fim de cada ano se colocam de parte para uma semana de meditação, oração e sacrifício. De mais a mais a Igreja está empenhada desde 4 de Abril numa ofensiva de orações de intercessão, que tem por tema os problemas mais melindrosos que a Igreja enfrenta.

Ao meditarmos sobre o poder que os apóstolos possuíam na Igreja primitiva, podemos ter a certeza de que também nós temos possibilidades de usufruir do mesmo poder se tão somente o «pedirmos». A promessa é bem clara: «Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á; porque, qualquer que pede recebe; e, quem busca acha; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á» Lucas 11:9, 10.

Creio que se esta promessa se não cumpre a falta está em nós, porque não temos, por vezes, condições de pedir. No entanto o poder continua à nossa disposição.

Um exemplo bem claro do poder da oração foi a transformação dos discípulos de homens instáveis, receosos, pouco firmes, mas que tendo ouvido o conselho do Mestre «todos estes perseveravam unanimemente em oração» (Actos 1:14) e assim puderam receber o poder que os habilitou certo dia, quando dois deles (Pedro e João) «subiram ao templo para a oração» e vendo «um coxo de nascença» que «implorava que lhe dessem uma esmola», «disse Pedro: Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou. Em nome de Jesus Cristo, o nazareno, levanta-te e anda!» Actos 3:1, 2, 6.

O mesmo poder está à nossa disposição hoje. Enfrentamos problemas, dificuldades, mas seremos capazes de os ultrapassar quando deixarmos de confiar em nós e confiarmos em Deus.

Ao aproximar-se mais um ano de vida é bom fazer um balanço à nossa vida durante este ano que está prestes a findar. Quantas oportunidades que deixámos passar em vão, quanto trabalho que deixámos de realizar, enfim, talvez quão pouco usámos o poder que o Senhor tão bondosamente colocou à nossa disposição.

Que o Senhor nos conceda maior medida do Seu Espírito no próximo ano e que esse poder seja usado por nós para melhor colaborarmos na Sua Obra!

J. Morgado

Semana de Oração

Sábado, 5 de Dezembro

O amor e o cuidado de Deus pela Sua família

Por Ellen G. White

**A dádiva de Deus à raça humana
está para além de todo o cálculo.
Na dádiva de Cristo Ele deu
todo o céu.**

Deus fez o homem perfeitamente santo e feliz. E a terra ao sair das mãos do Criador não manifestava qualquer sinal de decadência ou vestígio de maldição. Foi a transgressão da lei de Deus, a lei do amor, que trouxe pesar e morte. Contudo, mesmo no meio do sofrimento que resulta do pecado, o amor de Deus é revelado. Está escrito que Deus amaldiçoou o solo por causa do homem (Gén. 3:17). Os espinhos e os cardos — as dificuldades e provações que tornaram a sua vida árdua e cheia de cuidados — foram destinados para seu bem como parte indispensável do seu treino no plano de Deus para a sua elevação da ruína e degradação que o pecado operara. O mundo, embora caído, não é tudo miséria e tristeza. Na própria natureza existem mensagens de esperança e de conforto. Há flores nos cardos e os espinhos são cobertos de rosas. ...

O próprio Deus declarou o Seu infinito amor e piedade. Quando Moisés orou: «Rogo-te que me mostres a Tua glória», o Senhor respondeu: «Eu farei passar toda a minha bondade por diante de ti.» (Exo. 33:18-19). Esta é a Sua glória. O Senhor pas-



sou perante Moisés e proclamou: «Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniquidade e a transgressão e o pecado.» (Exo. 34:6-7). Ele é «Deus piedoso, e misericordioso, longânimo e grande em benignidade, porque tem prazer na benignidade.» (Jonas 4:2; Miqueias 7:18).

Deus ligou os nossos corações a Ele por inúmeras provas de amizade no céu e na terra. Por meio das coisas da Natureza, e dos mais profundos e ternos laços terrenos que os corações humanos podem conhecer, tem Ele procurado revelar-Se a nós.¹

O poder de Deus é manifesto no bater do coração, na acção dos pulmões, e nas correntes vivas que circulam através dos diferentes milhares de canais do corpo. Somos-Lhe devedores por cada momento de existência, e por todos os confortos da vida. As faculdades e talentos que elevam o homem acima da criação inferior, foram-lhe conferidos pelo Criador. Ele cumula-nos com os Seus benefícios. Somos-Lhe devedores pela comida que comemos, a água que bebemos, o vestuário que vestimos, o ar que respiramos. Sem a Sua especial providência, o ar estaria cheio de pestilência e veneno.

Ele é um generoso benfeitor e preservador. O sol que brilha sobre a terra e glorifica toda a Natureza, o esplendor solene e encantador da lua, as glórias do firmamento, brilhando com as brilhantes estrelas, a chuva que refresca a terra, e provoca o florescimento da vegetação, as coisas preciosas da natureza em toda a sua variada riqueza, as árvores altaneiras, os arbustos e as plantas, o cereal ondulante, o céu azul, a terra verde, as mudanças do dia e da noite, a renovação das estações, tudo fala ao homem do amor do seu Criador.²

Quando o pecado de Adão mergulhou a raça em desesperada miséria, Deus podia ter-Se desligado dos seres caídos. Podia tê-los tratado como os pecadores merecem ser tratados. Podia ter ordenado aos anjos do céu para derramarem sobre o nosso mundo as taças da Sua ira. Podia ter removido esta mancha negra do Seu universo. Mas Ele não fez isto. Em vez de os banir da Sua presença, aproximou-se ainda mais da raça caída. Deu o Seu Filho para se tornar osso do nosso osso e carne da nossa carne. «O Verbo se fez carne, e habitou entre nós, ...cheio de graça e de verdade.» (João 1:14). Cristo pela Sua relação humana com os homens, atraíu-os para mais perto de Deus. Ele vestiu a Sua natureza divina com a vestimenta da humanidade, e demonstrou perante o universo celeste e os mundos não caídos, o quanto Deus ama os filhos dos homens.

A dádiva de Deus ao homem está para além de todo o cálculo. Nada foi retido. Deus não permitiria que fosse dito que Ele poderia ter feito mais ou revelado à humanidade uma maior medida de amor. Na dádiva de Cristo Ele deu todo o céu.³

Adoptados na família real

Aquele que tem todo o poder no céu e na terra restaurará toda a alma arrependida e crente. ...

Aqueles que O recebem e n'Ele crêem tornam-se os filhos espirituais de Deus. São adoptados na família real, e ao procurarem fazer a vontade de Deus, tornam-se conformes à Sua imagem.⁴

Sentiremos um antegoço do céu ao crermos inteiramente que somos d'Ele por adopção. ...Aproximamo-nos d'Ele e podemos manter comunhão com Ele. Obtemos visões distintas da Sua ternura e compaixão, e os nossos corações quebram-se e fundem-se com a contemplação do amor que nos é outorgado. Sentimos, na verdade, a presença viva de Cristo na alma. Vivemos n'Ele e sentimos-nos com Ele familiarizados. As promessas fluem para a alma. A nossa paz é como a dum rio, onda após onda de glória rola para dentro do coração, e ceamos, na verdade, com Jesus e Ele connosco. Compreendemos o sentido do amor de Deus, e descansamos no Seu amor.

Nenhuma linguagem o pode descrever, está para além de todo o conhecimento. Somos um em Cristo, a nossa vida está escondida com Cristo em Deus. Temos a certeza de que quando Ele, que é a nossa vida, aparecer, então também apareceremos com Ele em glória. Com grande confiança podemos chamar Deus nosso Pai.⁵

Jesus ensina-nos a chamar ao *Seu* Pai nosso Pai. Ele não Se envergonha de nos chamar irmãos (Heb. 2:11). Tão pronto, tão ansioso está o coração do Salvador de nos dar as boas-vindas na família de Deus, que nas primeiras palavras que indicou para nos dirigirmos a Deus, coloca a certeza da nossa relação divina: «Pai Nosso».⁶

Ao chamarmos Deus nosso Pai, reconhecemos todos os Seus filhos como nossos irmãos. Somos todos uma parte da grande teia da humanidade, todos membros de uma família. Nas nossas orações devemos incluir os nossos vizinhos assim como nós próprios. Ninguém ora correctamente se busca bênçãos apenas para si mesmo. Deus habita em toda a casa; ouve cada palavra que é falada, ouve cada oração que é pronunciada, experimenta as tristezas e desapontamentos de cada alma, olha o tratamento que é dado ao pai, mãe, irmã, amigo e vizinho. Cuida das nossas necessidades, e o Seu amor e misericórdia e graça estão continuamente fluindo para satisfazer as nossas necessidades.

Se chamardes Deus vosso Pai considerais-vos Seus filhos, para serdes guiados pela sua sabedoria e orientados em todas as coisas, sabendo que o Seu amor é imutável. Aceitareis o Seu plano para a vossa vida. Como filhos de Deus tereis como objectos do vosso maior interesse a Sua honra, o Seu carácter, a Sua família, a Sua obra. Tereis a maior satisfação em reconhecer e honrar a vossa relação para com o vosso Pai e para com todo o membro da Sua família. Sentireis prazer em fazer qualquer acto, embora humilde, que contribua para a Sua glória ou para o bem-estar da vossa família.⁷

Somos um em Cristo

Pela fé em Cristo tornamo-nos membros da família real, herdeiros de Deus, e co-herdeiros com Jesus Cristo. Em Cristo somos um. Ao contemplar-

mos a cena do Calvário, e vemos o Sofredor real que na natureza humana suportou a maldição da lei em favor da humanidade, todas as diferenças de nacionalidade, todas as diferenças sectárias são anuladas; toda a honra de supremacia, todo o orgulho de casta se perdem.

A luz que brilha do trono de Deus sobre a cruz do Calvário põe para sempre fim às separações operadas pelo homem, quer sejam de natureza racial ou de classe. Os homens de todas as classes tornam-se membros de uma família, filhos do celeste Rei, não por meio de qualquer poder terrestre, mas pelo amor de Deus que deu Jesus para uma vida de pobreza, aflição e humilhação, para uma morte de vergonha e agonia, de modo a poder trazer para a glória muitos filhos e filhas.⁸

A igreja de Deus de baixo é uma com a igreja de Deus de cima. Os crentes na terra constituem uma igreja com os seres celestes que nunca caíram. Cada inteligência celeste está interessada com as assembleias dos santos que aqui na terra adoram a Deus. ... Oh, pudéssemos nós compreender a proximidade do céu com a terra! Embora as criaturas terrestres não saibam têm anjos de luz como seus companheiros. Uma testemunha silenciosa guarda toda a alma que vive, buscando atrair essa alma para Cristo.⁹

Os anjos do Senhor estão encarregados de manter estrita vigilância sobre aqueles que crêem n'Ele, e estes anjos devem ser a nossa ajuda especial em toda a ocasião de necessidade. Devemos aproximar-nos do Senhor com plena certeza de fé, e buscar d'Ele sabedoria.¹⁰

Dos perigos, visíveis e invisíveis, que temos sido preservados pela interposição dos anjos, jamais o saberemos, até que na luz da eternidade vejamos as providências de Deus. Então saberemos que toda a família do céu esteve interessada na família aqui em baixo e que os mensageiros do trono de Deus guardaram os nossos passos dia a dia.¹¹

Ele providenciou assistência divina para todas as emergências para as quais as nossas faculdades humanas são inadequadas. Concede o Espírito Santo para ajudar em toda a dificuldade, para fortalecer a nossa esperança e confiança, para iluminar as nossas mentes e purificar os nossos corações. ... É Seu (Cristo) propósito que cada cristão seja circundado com uma atmosfera espiritual de luz e de paz. ... A nós hoje, tão certo como aos primeiros discípulos, nos pertence a promessa do Espírito. Deus hoje dotará homens e mulheres com poder de cima, tal como dotou aqueles que no dia do Pentecostes ouviram as palavras da salvação. Neste preciso momento o Seu Espírito e a Sua graça são outorgados a todos os que deles precisam e crêem n'Ele segundo a Sua palavra.¹²

Os dons d'Aquele que tem todo o poder no céu e na terra estão armazenados para os filhos de Deus. Dons tão preciosos que nos vêm através do custoso sacrifício do sangue do Redentor; dons que satisfarão os mais profundos anseios do coração, dons tão duradouros como a eternidade, serão recebidos e desfrutados por todos aqueles que se apro-

ximam de Deus como crianças. Tomai as promessas de Deus como vossas, pleiteai-as perante Ele como Suas próprias palavras, e receberéis completa alegria.¹³

O povo de Deus constitui os Seus representantes sobre a terra, e é Seu plano que eles sejam luzes nas trevas morais deste mundo. Espalhados por todo o país, nas cidades, vilas e aldeias, são as testemunhas de Deus, os canais através dos quais Ele comunicará a um mundo descrente o conhecimento da Sua vontade e as maravilhas da Sua graça.¹⁴

A condição para se ser recebido na família de Deus é sair do mundo, separar-se de todas as suas influências contaminadoras. ... Devemos ser diferentes do mundo, e então Deus diz: «Receber-vos-ei como membros da Minha família real, filhos do celeste Rei.» Como crentes na verdade devemos ser diferentes, na prática, do pecado e pecadores. A nossa cidadania está nos céus.

Compreenderíamos mais claramente o valor das promessas que Deus nos tem feito, e apreciaríamos mais profundamente a honra que Ele nos tem dado.¹⁵

Não reconheceremos nós a misericórdia de Deus? Que mais poderia Ele ter feito? Coloquemo-nos na recta relação para com Ele que nos amou com amor admirável. Apropriemo-nos dos meios que Ele nos providenciou a fim de sermos transformados à Sua semelhança, e restaurados ao companheirismo com os anjos ministradores, à harmonia e comunhão com o Pai e o Filho.¹⁶

O coração de Deus suspira pelos Seus filhos terrestres com um amor mais forte do que a morte. ... Ele derramou sobre nós todo o céu num único dom. A vida, morte e intercessão do Salvador, o ministério dos anjos, o pleitear do Espírito, a operação do Pai acima e através de tudo, o incessante interesse dos seres celestiais — tudo está alistado a favor da redenção do homem. ... Tentemos apreciar o labor e a energia que o Céu está dispendendo para reclamar os perdidos e trazê-los de volta para a casa do Pai.¹⁷

Chamados para serem Filhos de Deus

«Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus.» (1 João 3:1). Que valor coloca isto sobre o homem! ... Os filhos de Adão podem tornar-se filhos de Deus. Ao assumir a natureza humana, Cristo elevou a humanidade. Os homens caídos são colocados onde, por meio da ligação com Cristo, eles se possam tornar, na verdade, dignos do nome «filhos de Deus.»...

Filhos do celeste Rei! Que promessa preciosa! Tema para a mais profunda meditação!¹⁸

A vida cristã ... não deveria ser marcada com tristeza e depreciação própria. É privilégio de todos viverem de tal maneira que Deus os aprove e abençoe. Não é a vontade do nosso Pai celeste que estejamos sempre sob condenação e trevas. Não há qualquer evidência de verdadeira humildade em andarmos cabisbaixos e o coração repleto de pensamentos acerca de nós mesmos. Podemos ir a Jesus

e sermos purificados, e permanecer de pé perante a lei sem vergonha e remorso. «Portanto agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito.» (Rom. 8:1). Por meio de Jesus os caídos filhos de Adão tornam-se «filhos de Deus.»¹⁹

Somos da mesma fé, membros duma mesma família, todos filhos do mesmo Pai celeste, com a mesma bem-aventurada esperança da imortalidade. Quão íntimo e terno devia ser o laço que nos une. ... Aproximemo-nos cada vez mais de Deus e uns dos outros. ... O coração do Salvador está sobre os Seus seguidores cumprindo o propósito de Deus em toda a sua altura e profundidade. Eles devem ser um n'Ele, embora estejam espalhados por todo o mundo. ... Quando a oração de Cristo for plenamente crida, ... unidade de acção será vista nas nossas fileiras. Irmão estará ligado a irmão pelos laços áureos do amor de Cristo.²⁰

1. Aos Pés de Cristo, págs. 9-10.
2. Filhos e Filhas de Deus, pág. 17.
3. Idem, pág. 11.
4. Idem, pág. 230.
5. Comentário Bíblico Adventista, Comentários de E. G. White, vol. 3, págs. 1147-1148.
6. O Maior Discurso de Cristo, pág. 103.

7. Idem, págs. 105-106.
8. Mensagens Escolhidas, Vol. 1, pág. 258.
9. Testemunhos, Vol. 6, pág. 366.
10. A Admirável Graça de Deus, pág. 201.
11. Filhos e Filhas de Deus, pág. 35.
12. Testemunhos, Vol. 8, págs. 19-20.
13. O Maior Discurso de Cristo, págs. 133-134.
14. Patriarcas e Profetas, pág. 134.
15. Fundamentos de Educação Cristã, pág. 481.
16. Aos Pés de Cristo, pág. 22.
17. Idem, pág. 21.
18. Idem, pág. 15.
19. O Grande Conflito, pág. 477.
20. A Admirável Graça de Deus, pág. 210.

Perguntas para discussão

1. Quem são os membros da família de Deus? Que diferença faz na minha vida se creio em Deus e procuro servi-l'O?
2. Que bênçãos me pertencem **agora** como membro da família espiritual de Deus?
3. Como afecta a minha compreensão de mim mesmo e dos outros a ideia da família de Deus?
4. Que nos ensina a paternidade humana acerca de Deus como Pai celestial? Em que modos **não** é Deus como um pai humano?
5. Quais são as minhas responsabilidades como membro da família de Deus?

Domingo, 6 de Dezembro

Como tornar-se membro da família de Deus

J. R. Spangler

A mudança da nossa natureza é obra de Deus, não nossa. Deus é o iniciador de todo o processo da salvação.

Em anos recentes surgiu um fenómeno de certo modo interessante que pode ser resumido numa palavra — *raízes*. O livro de Alex Haley com este título tornou-se um sucesso comercial e uma atracção famosa na TV. Haley conta persuasivamente a história da busca das suas raízes familiares, que eventualmente o levou a uma pequena aldeia africana, terra



J. R. Spangler
Editor do Ministry
e Secretário da
Associação
Ministerial e do
Departamento de
Mordomia da
Conferência Geral

natal dos seus antepassados. Este livro e o programa de TV tem levado muitas pessoas, especialmente adoptadas, a buscarem arduosamente as suas raízes e saberem quem foram os seus antepassados. É mais importante, contudo, que saibamos quais são as nossas raízes espirituais e por que razão deve o nosso maior desejo ser no sentido de nos tornarmos membros da família de Deus.

O primeiro passo para nos tornarmos membros da família de Deus, isto é, filhos e filhas redimidos, é reconhecer a nossa completa incapacidade e condição de caídos. De facto, *por nós mesmos* não podemos nem sequer desejar a salvação. Podemos egoisticamente desejar um tempo feliz para sempre no céu, e certamente que ninguém, de mente equi-

librada, deseja sofrer morte eterna. Mas somos realmente incapazes de desejar ser membros da família de Deus a não ser que o Espírito Santo crie este desejo em nós.

Originalmente Adão e Eva foram criados perfeitos — não tinham a menor inclinação para pensar ou fazer o mal. Depois veio a queda, que mudou os seres *impecáveis* em *pecadores*. Para nós, o pior de tudo, foi que quando Adão pecou, serrou o ramo em que estava sentado, e todos os seus descendentes caíram com ele. Parece injusto, mas esta é a maneira como somos feitos. A vida produz a sua própria espécie. As aranhas não produzem borboletas, nem pais pecadores produzem filhos impecáveis. Mais ainda, desde aquele triste dia no Éden, todos os descendentes de Adão têm comprovado isto ao pecarem eles próprios. Paulo expressa isto desta maneira: «O pecado entrou no mundo por um homem, e a morte pelo pecado, e desta maneira a morte veio para todos os homens, *porque todos pecaram.*» (Rom. 5:12, Nova Versão Inglesa). Todos pecaram! Os seres criados que Deus designou para um propósito maravilhoso tornaram-se falhos e pecadores.

Põe-se agora a questão: Não sou já um membro da família de Deus, embora seja um pecador? Se sim, porque preciso *tornar-me* um membro da família de Deus?

Num certo sentido toda a raça humana é família de Deus. Contudo, sobre o Planeta Terra somos os únicos membros *rebeldes* da família universal de Deus, que se estende a míriades de planetas habitados que não conhecem o pecado. Deste modo, como seres rebeldes neste globo isolado, somos estranhos e «estrangeiros aos concertos da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo.» (Efés. 2:12, Nova Versão Inglesa).

Mas Deus é muito bom e por isso não nos deixou na desordem horrível iniciada pela rebelião de Satanás. Com amor indescritível, a Trindade elaborou um custoso plano para restaurar completamente os privilégios e bençãos à família alienada.

Com esta breve introdução como base, estudaremos alguns passos importantes para nos tornarmos membros restaurados da família de Deus. Tal restauração deve necessariamente efectuar uma mudança na nossa atitude e natureza, não apenas exterior, mas sobretudo no interior. Certa vez o Salvador usou sabiamente a ilustração de lavar loiça para tornar conhecido este ponto. «Limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de iniquidade.» Para Se fazer melhor compreendendo sobre este ponto, continuou: «Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.» Qual foi a Sua solução? «Limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo.» (Mat. 23:25, 28, 26).

Assim deve ser com a humanidade rebelde, a nossa natureza interior, as raízes, devem ser mudadas antes do exterior ser verdadeiramente mudado. Esta mudança é o tema central da doutrina do selo de Deus. Deus coloca o Seu selo, a Sua marca de

aprovação, somente na pessoa que Lhe permite operar esta mudança na vida. Muitos duvidam que tal mudança seja possível. Muitos outros não desejam submeter-se a tal mudança. Assim tanto os que duvidam como os que resistem procuram inventar doutrinas que esperam os venha a restaurar à família de Deus sem serem mudados.

Tal foi a atitude do moço rico que tinha uma natureza que precisava de ser mudada antes de estar apto para o reino de Deus. De facto, o seu problema era de tal ordem grave que o Senhor disse aos Seus discípulos: «Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no reino de Deus.» Como responderam os discípulos? «Os discípulos, ouvindo isto, admiraram-se muito, dizendo: Quem poderá, pois, salvar-se?» Noutras palavras, é possível mudar a natureza humana? A resposta de Jesus foi positiva e admiravelmente encorajadora. Disse Ele: «Aos homens é isso impossível, mas a Deus tudo é possível.» (Mat. 19:23-26).

«A Deus tudo é possível.» Esta é a chave para a salvação. Esta declaração curta mas expressiva contém várias verdades básicas importantes. Primeiro, diz-nos que a salvação se centra não nos seres humanos, mas em Deus. É a operação de *Deus*, não a nossa. O verdadeiro caminho para a salvação é pela graça por meio da fé em Cristo. O Senhor é quem opera a salvação.

Temos agora estabelecido dois princípios sobre os quais construir. O primeiro é que a nossa natureza é degradada e precisa de ser mudada. O segundo é que a mudança é possível, tal como Jesus afirmou claramente: «A Deus tudo é possível.»

Não há qualquer equívoco acerca da necessidade desta mudança. Jesus disse claramente a Nicodemos que ele «precisava de nascer de novo» (João 3:7). A palavra «necessário» ou «precisar» não é negociável, isto é, não pode ser substituída; não existe outro caminho. O novo nascimento e a vida eterna são inseparáveis. Isto não é uma verdade popular, mas é o pré-requisito inalterável para a entrada na família de Deus.

Lembrai-vos sempre que a mudança da nossa natureza é obra de *Deus*, não a nossa. Deus é o iniciador de todo o processo da salvação. A tocante parábola do pastor da única ovelha perdida entre as cem que possuía ilustra este ponto. Jesus pergunta aos Seus ouvintes: «Não deixa no deserto as noventa e nove, e não vai após a perdida até que venha a achá-la?» (Lucas 15:4). Jesus é o Pastor — nós somos as ovelhas perdidas. Deus dá o primeiro passo para nos encontrar. Muitas pessoas desencorajadas, ovelhas perdidas, sentem que devem ajudar o Pastor a encontrá-las. Que se devem arrepender ou serem boas *antes* do amor de Deus lhes ser estendido. Jesus tentou dissipar este terrível conceito erróneo, e ao fazê-lo foi criticado pelos líderes religiosos, que desdenhosamente disseram: «Este recebe pecadores, e come com eles.» (v. 2).

Porque é tão importante este ponto? Se uma pessoa pensa que deve mudar antes de vir a Deus, ou nunca virá ou virá pelos seus próprios meios. Procurará tornar-se digno para vir a Deus. Isto é o

que chamamos salvação pelas obras, e está na base do sistema simbolizado pela besta de Apocalipse 13. Este sistema ensina que podemos ganhar o direito de vir a Deus — merecemos pertencer à Sua família. Isto é exactamente o oposto da verdade. Se falharmos em compreender que é Deus quem inicia o processo para nos salvar, então todo o plano da salvação deixa de ter significado e fica totalmente destruído. Uma mudança nas nossas vidas é impossível até que captemos este conceito e o compreendamos completamente. Não importa quão má uma pessoa possa ter sido, o Salvador busca-a. E quando o Bom Pastor a encontra, ferida, ensanguentada, e magoada, toma-a ternamente nos Seus braços e com grande alegria leva-a de volta para o aprisco seguro. Que Salvador maravilhoso nós temos!

Porque o nosso Senhor deu o primeiro passo para nos salvar, qualquer desejo para nos tornarmos membros da Sua família e nos rendermos a Ele vem do próprio Salvador, não de nós. É absolutamente impossível a um pecador perder-se se não resistir ao poder magnético atractivo de Jesus. Estamos predestinados, notai bem, a sermos salvos. Não há qualquer favoritismo com Deus. Somente a nossa própria obstinação e teimosia nos podem manter afastados de Cristo. Se escolhermos não resistir, seremos atraídos para Ele.

Quando uma pessoa faz essa escolha (uma escolha que é em si mesma um resultado da obra do Espírito Santo), é-lhe dado o espírito de arrependimento como um dom. Mas lembrai-vos de que mesmo antes de nos arrependermos Jesus está atraindo-nos para Ele. Se uma pessoa olha para Jesus e aceita o arrependimento que Deus oferece, está no caminho para se tornar um membro restaurado da família de Deus. É provável que neste ponto mais do que em qualquer outro ocorram a maior parte dos insucessos em se tornar e permanecer um membro da família do Senhor. É difícil ao coração humano aceitar o seu desamparo e depender unicamente em alguém mais.

Este ponto é ilustrado de diferentes maneiras pelas Escrituras. Jesus citou este princípio a Nicodemos em João 3:14-15: «E como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado; para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.» A Sua ilustração foi retirada da história da serpente de metal no deserto. O significado era claro. Não havia qualquer virtude curativa no objecto metálico em si mesmo; era a fé da pessoa em Deus e na Sua palavra que operava a diferença. Credo na palavra de Deus, obedecendo à Sua ordem ao olhar com fé, livrava a pessoa doente da morte. O real «combate da fé» de que Paulo fala em I Tim. 6:12 surge neste ponto. Olharemos para Jesus, ou para nós mesmos?

As lições de João 3:14-15 são tão óbvias que enumerarei algumas delas:

1. A ferida do pecado não pode ser curada por obras que o pecador tente perfazer.

2. Não há qualquer base científica para a cura pelo olhar.

3. Embora não possamos ordenar cronologicamente os passos para a salvação, o primeiro passo gigante é olhar com fé para Jesus.

4. Todas as tentativas para nos salvarmos a não ser levantar Jesus no deserto dos nossos corações e olhar com fé para Ele são fatais.

5. Como Nicodemos, que aprendeu bem a lição, devemos buscar as Escrituras duma maneira que nos conduza a Cristo como o centro da salvação.

6. A controvérsia acerca da lógica ou necessidade do plano de Deus para a salvação conduz à morte, não à vida. Pelo contrário, há vida em olhar para Ele.

7. Não olheis para vós mesmos com todos os seus defeitos e mazelas, mas dependei unicamente nos méritos de Cristo, e a ajuda de que carecemos ser-nos-á dada. Se olharmos para as mordeduras da serpente do pecado, apenas ficaremos piores e morreremos.

8. Não espereis até que todo o pormenor da salvação vos esteja esclarecido antes de olhades para Jesus. Não continueis a vaguear pelo campo das dúvidas filosóficas e dos temores. Olhai, de preferência, agora com fé simples para o Salvador, que se fez «pecado por nós» (II Cor. 5:21).

A maior batalha

Soa incredivelmente fácil e maravilhoso, não é verdade? Mas aguardai um momento! A maior batalha que cada pecador enfrenta é sobre a questão de olhar ou não para Jesus. Paulo emprega um termo guerreiro para ilustrar este ponto: «Combate o bom combate da fé, toma posse da vida eterna.» (I Tim. 6:12). A maior luta na vida daquele que se quer tornar um membro da família de Deus relaciona-se com este princípio. É uma luta na qual devemos olhar apenas com fé para Jesus. É muito mais fácil olhar para as nossas experiências, problemas, fraquezas, marido, mulher, filhos, dinheiro, TV, sexo — a lista é interminável. É muito mais fácil *fazer* qualquer coisa do que *olhar* para qualquer coisa para ser salvo. É muito mais fácil duvidar do que crer. É muito mais fácil estudar a Bíblia para informação do que para inspiração e salvação. E assim continua a lutar a pobre raça humana com dúvidas, temores, e perplexidades, esperando morrer dos seus ferimentos em vez de combater «o bom combate da fé». Olhar para Jesus!

Que nos leva a olhar para Jesus? A minha única resposta é que se trata da operação do Espírito Santo, a Terceira pessoa da Trindade. Nada precede a obra do Espírito Santo. Eu nem sequer desejo olhar para Jesus se o Espírito não me impelir a isso. Quando, pela instigação do Espírito, olho para Jesus, a bondade de Deus leva-me a arrepender-me (Rom. 2:4). O arrependimento não é o resultado da minha própria decisão. Quando olho para Jesus, confessarei humildemente os meus pecados e farei restituição tanto quanto possível. Quando olho para Jesus deleitar-me-ei em obedecer à Sua vontade. Quando olho para Ele, desejarei pureza de mente e

de coração. Olhar para Jesus significa mais do que meramente «vida num olhar», porque devo continuar a olhar para Ele enquanto o meu coração bater. Tudo isto é a obra do Espírito Santo, que sempre me atrai para olhar para Jesus.

Talvez o melhor exemplo de arrependimento nas Escrituras seja o do Rei David, que cometeu o duplo crime de assassinio e adultério. Eu decorei a sua grande oração de arrependimento, que se encontra no Salmo 51, e insto convosco a decorá-la também. David roga misericórdia a Deus; reconhece os seus pecados; suplica purificação; roga a Deus que crie nele um coração puro e lhe renove um espírito recto. Apela para a presença do Espírito Santo para que permaneça com ele e suplica a restauração da alegria da salvação. Finalmente David proclama a bondade de Deus e a Sua justiça. Tomai a vossa Bíblia e de joelhos estudai reverentemente este salmo. Pedi a Deus que faça por vós o que fez por David. Talvez não tenhais, como David, cometido tão terríveis pecados como adultério e assassinio, mas qualquer pecado pode destruir a vossa relação com o Senhor e impedir de vos tornardes membros da Sua família.

Não tenho espaço para tratar os outros passos para nos tornarmos membros restaurados da família de Deus. Insto convosco a tomardes o livrinho *Aos Pés de Cristo* e lerdes repetidamente este precioso volume que persuasiva e ternamente esboça a confissão, restituição, consagração, discipulado, e crescimento em Cristo.

Mas desejo, na verdade, culminar a minha mensagem com um ponto muitíssimo importante. A salvação, tal como um automóvel, vem envolta num todo. Se deve ter qualquer significado ou função, então deve permanecer como um todo. Removi o motor, embraiagem, velas, ou combustível dum automóvel e deixareis de ter um automóvel. Pode parecer-se com um automóvel, mas não funciona como um automóvel. Assim acontece com a salvação. Removi ou ignorei qualquer parte do plano de Deus para salvar homens e mulheres, e podereis ver pessoas em acção que se parecem cristãs, e até se reclamam cristãs, mas não agem ou funcionam como cristãs.

A justificação é a base primária, ou fundamental, para a nossa salvação. Mas lembrai-vos sempre que — embora a justificação não possa ser obtida pelas obras, embora seja o que Deus faz pelo peccador, embora não seja uma mistura da obra de Deus

com a nossa, embora mude a nossa posição relativa a Deus, embora seja o veredicto de Deus, não a nossa realização, embora seja a base da nossa confiança ou aceitação com Deus, embora inclua perdão e absolvição pelo pecado passado — a justificação nunca nos é dada como um dom em si mesma. O amor de Deus é maior do que isso.

O Seu principal dom é a justificação, mas ela é acompanhada duma mudança, uma experiência de novo nascimento, e depois um andar com Deus uma vida inteira que chamamos santificação. A justificação salda a nossa conta presente, mas também se aplica ao nosso futuro como uma sombrinha protectora desde o momento em que aceitamos a Cristo até que nos encontremos com o Senhor. Contudo, alguém que ponha de parte a santificação do plano da salvação e se detenha apenas na justificação é como o vendedor de carros usados tentando vender um carro sem travões ou mecanismo de direcção. Não apenas faz Deus alguma coisa *por* nós, Ele também faz alguma coisa *em* nós.

Mas acima e para além de tudo está o facto de que Deus é quem inicia, mantém e consoma o inteiro processo de salvação. Ele está-nos atraindo de volta às nossas raízes, ao Seu plano original para nós, à harmonia com Ele, e de volta à Família celeste.

Não nos podemos restaurar a nós mesmos. Podemos apenas cooperar com Ele enquanto Ele nos restaura. Em cada aspecto da nossa salvação é Deus quem opera. Ele apenas deseja de nós a nossa cooperação.

Perguntas para discussão

1. Porquê tão poucas pessoas aceitam o plano de Deus da salvação?
2. De que maneiras impeço o plano de Deus para a minha vida?
3. Que obstáculos se interpõem no caminho para que não olhe continuamente pela fé para Jesus?
4. Que posso fazer para aumentar o meu desejo de me manter «olhando para Jesus»?
5. Há alguma diferença entre o modo de como primeiramente *vimos* a Jesus e a maneira pela qual devemos *viver* n'Ele?
6. É a santificação um dom ou uma obra humana? Como se relaciona ela com o resto do todo da salvação?

Uma Revista Adventista em cada lar

O Irmão mais Velho da família

W. Richard Leshner

As ideias Bíblicas acerca do primogénito e do Filho do homem ajudam-nos a compreender o significado de Jesus como nosso Irmão mais velho.

Deus procurou explicar a Sua relação com os seres humanos por meio de nomes das relações mais íntimas que experimentamos, a família humana. Assim o Pai e o Filho são membros da Trindade, a igreja é a família de Deus, e os membros da igreja são irmãos e irmãs. Jesus é vosso Irmão (Heb. 2:11) e também o Primogénito (Rom. 8:29). Estes dois últimos títulos combinados dão-nos outro nome para Jesus, Irmão mais Velho. Este nome não se encontra na Bíblia, mas o conceito encontra-se lá claramente definido. Os cristãos têm-no adoptado, e tem significado especial no nosso tema da Semana de Oração, «A Família de Deus».

Um nome que Jesus Se chamou a Si mesmo, o Filho do homem, pode também ajudar-nos a compreender a Sua relação para connosco, Seus irmãos e irmãs mais novos. Porque Jesus é o Filho do homem, isto é, um ser humano, Ele pode ser nosso Irmão (O Desejado de Todas as Nações, pág. 638).

Para melhor compreendermos Jesus como nosso Irmão mais velho examinaremos primeiro a ideia do filho primogénito, que, certamente, é claramente o mais velho ou irmão mais velho dos seus irmãos e irmãs. Examinaremos a seguir o nome Filho do homem para descobrir que compreensão adicional do nosso Irmão mais velho isto nos providenciará. Concluiremos perguntando qual deve ser a nossa reacção para com este nosso Irmão mais velho.

O Primogénito

O Novo Testamento identifica Jesus como o cumprimento do simbolismo do Velho Testamento acerca do primogénito (Col. 1:15-18; Rom. 8:29). Ele é o Primogénito por duas razões: (1) «Ele é antes de todas as coisas» e (2) Ele é «o primogénito dentre os mortos.» Por causa de tanto a Sua pre-



W. Richard Leshner
Director do Instituto Bíblico de Pesquisa da Conferência Geral

xistência na eternidade como a Sua renovada existência pela ressurreição, Jesus é o Primogénito, nosso Irmão mais velho.

Que significava antigamente ser o filho primogénito? Nos dias dos patriarcas o filho primogénito devia receber o direito de primogenitura, como o ilustra a bem conhecida história de Jacó e Esaú. Isto incluía uma herança especial e a posição como cabeça da família e sacerdote do clã, por conseguinte o patriarca da geração seguinte.

Quando Israel saiu da era patriarcal e entrou na nacional o Senhor deu instruções a Moisés para a erecção dum santuário e o ofício de serviços nesse mesmo santuário. Parte dessa instrução foi que a tribo de Levi devia tomar o lugar do primogénito em Israel (Num. 3:12). Este passo afastou o sacerdócio do círculo familiar para as funções de culto do santuário. Os sacrifícios não mais eram oferecidos no círculo familiar, mas no tabernáculo. Com a centralização do sistema de culto de Israel, terminou o sistema patriarcal. Por conseguinte, falar de Jesus como «primogénito» é atribuir-lhe as funções exercidas tanto pelos sacerdotes patriarcais como levíticos.

A breve descrição do primogénito dá-nos três pontos para aplicar a Jesus: (1) o primogénito era um membro da família que ele servia; (2) era a cabeça da família; e (3) era o sacerdote da família.

1. O primogénito era um membro da família que ele servia. Ele era exactamente como os seus irmãos e irmãs com a excepção de que havia nascido primeiro. Não era um estranho. Quando tomasse as suas responsabilidades como patriarca devia conhecer bem os seus súbditos, porque seriam seus parentes chegados.

Da mesma maneira Jesus, nosso Irmão mais Velho, não é um estranho. Ele nasceu, foi criado, viveu, e morreu no nosso mundo. Ele era um ser humano, «feito semelhante aos Seus irmãos em cada pormenor» (Heb. 2:17, R.S.V.). E por isso Ele é nosso Irmão, não apenas porque nós O chamamos Irmão, mas porque Ele se tornou um de nós.

Aqui a analogia do primogénito desfaz-se quando aplicada a Jesus. O patriarca podia ser apenas irmão dos seus irmãos e irmãs. Pelo casamento ha-

veria familiares por afinidade e crianças que lhe chamariam pai, avô, tio, etc. Mas Jesus não é irmão do marido, cunhado da esposa, e tio dos seus filhos. Jesus está acima das gerações, vivendo sempre e por conseguinte Irmão mais velho para com o pai, mãe, filhos e cada membro da família de Deus não obstante a idade ou qualquer outra consideração excepto a fé em Jesus e o amor por Ele.

2. Ele era a cabeça da família. Nesta posição o primogénito mantinha a família unida e tomava decisões que a protegeria dos perigos que a rodeavam. A família voltava-se para ele a fim de obter segurança e estabilidade.

Jesus é a cabeça da família, a igreja (Efés. 5:23). É Ele que a mantém unida e a protege dos perigos que Satanás tem instigado. Todos os irmãos e irmãs da família se voltam para Ele em busca de estabilidade na doutrina e segurança na salvação. Estão-Lhe sujeitos. (Efés. 5:24).

3. Ele era o sacerdote da família. Como sacerdote, oferecia os sacrifícios pela família. Quando alguém na família pecava, era ele que se aproximava de Deus através do sacrifício em favor do pecador arrependido.

Jesus é o nosso sacerdote. O livro de Hebreus ensina-nos que Ele não é um sacerdote ordinário mas um Sumo Sacerdote. Mas por contraste com o sacrifício oferecido pelo sacerdote terrestre, o sacrifício não se trata de um animal, mas d'Ele próprio. Ele é ao mesmo tempo o nosso sacerdote e o nosso sacrifício. É somente Ele que pode aproximar-Se de Deus em nosso favor quando tivermos pecado, e Ele assegura-nos inteiro e completo perdão, devido ao Seu sacrifício no Calvário. Por meio do nosso Irmão mais velho somos aceites na família como se nunca tivéssemos pecado.

O Filho do homem

Jesus falou de Si mesmo por meio de um nome especial — o Filho do homem. Ele não deu qualquer explicação para o Seu uso desta expressão, mas no livro de Ezequiel é o nome pelo qual o Senhor Se dirige repetidamente ao autor. O significado é simplesmente «homem». Em Daniel 7:13-14 «O Filho do homem» refere-se ao Ser Celestial que veio ao Ancião de dias e recebeu um reino que devia durar para sempre. Estes mesmos dois significados encontram-se também no uso que Cristo faz do nome. O Filho do homem, relata Mateus, veio comendo e bebendo em vez de jejuar (Mat. 11:19), mas virá nas nuvens do céu com a glória do Pai e com os anjos para recompensar os Seus filhos humanos (Mat. 24:30; 16:27). Numa certa ocasião os Judeus equacionaram o Título «Cristo» ou «Messias», com «o Filho do homem» (João 12:34). O contexto deve guiar-nos ao significado correcto em cada caso.

Quais eram os assuntos sobre os quais falava Jesus quando Se referiu a Si mesmo como o Filho do homem? A resposta a esta pergunta ajuda-nos a ver o nosso Irmão mais velho através da Sua pró-

pria descrição e não apenas através de símbolos.

O nome «Filho do homem» aparece cerca de 80 vezes no Novo Testamento. Em cerca de um terço dos versículos em que é usado Jesus fala da aproximação da Sua Paixão (29 versículos). Noutro terço dos versículos Jesus fala da Sua segunda vinda (28). O terço final dos versículos que se referem ao «Filho do homem» constitui um grupo miscelâneo no qual o contexto diz respeito à redenção (10 versículos), à Sua relação com o Céu (5), e uma variedade de outros tópicos (12). Assim, quando Jesus se via a Si mesmo como o Filho do homem, o nosso Irmão mais velho, o Seu interesse primário era revelar a Sua relação com dois focos de acontecimentos importantes: (1) O Seu sofrimento, morte e ressurreição; e (2) A Sua segunda vinda e o juízo.

Tanto Estêvão como João tiveram visões do Filho do Homem no céu. Estêvão viu-O «à mão direita de Deus.» (Actos 7:56), e João viu-O glorificado e andando no meio dos sete castiçais (Apoc. 1:12-13; 2:1). A sua ênfase foi sobre a presença do Filho do homem no Céu.

Deste breve estudo dos textos sobre o «Filho do homem», encontramos quatro pontos que nos ajudam a conhecer melhor o nosso irmão mais velho: (1) o objectivo do Filho do homem era salvar os perdidos; (2) Ele sofreu, morreu e ressuscitou; (3) ascendeu ao Céu, à presença de Deus; (4) voltará à terra em glória.

1. O objectivo do Filho do homem era salvar os perdidos. Este era o Seu desejo consumidor. Nada mais interessava excepto operar a sua salvação dentro dos limites dos princípios do carácter de Deus. Jesus disse que o «Filho do homem veio salvar o que se havia perdido» (Mat. 18:11). Ele teve de tomar a iniciativa para sermos salvos pois nenhum pecador podia escolher por si mesmo buscar a salvação. Estes perdidos eram Seus Irmãos e irmãs, e o Irmão mais velho veio procurá-los como um pastor procura uma ovelha perdida. Jesus ansiou que respondessem como um pai que espera por um filho travesso que volte para casa. Foi este desejo de salvar que impeliu Jesus a tornar-Se o Filho do homem, um elo entre os Seus irmãos e irmãs terrestres. Isso motivou cada decisão que fez. Devido a isso manifestou indiferença para com os costumes que interferiam com os Seus actos de salvação e enfrentou o ridículo e a ira dos homens mais dignos e respeitados da nação quando procuraram desiludi-l'O do Seu propósito de salvação. Como Isaías havia profetizado, o Seu rosto foi posto como um seixo (Isa. 50:7), e o Irmão mais velho deveria cumprir o Seu objectivo.

2. Ele sofreu, morreu e ressuscitou. Ele não foi compelido a fazer isto; Ele deu-Se a Si mesmo por nós por meio do Seu amável coração de Irmão. Ele escolheu sofrer e morrer porque este era o meio concordado por Ele e Seu Pai para que a redenção tomasse lugar. Por este meio tinha a possibilidade de trazer de volta para o Seu reino eterno os Seus irmãos e irmãs. Alguns pensam que é uma coisa pequena morrer se uma pessoa sabe que vai voltar

à vida. Mas a peregrinação do Irmão mais velho neste mundo foi um risco. Ele poderia ter sucumbido às tentações de Satanás e tudo ficar perdido. É difícil compreender o risco envolvido *depois* de ter passado e de se ter escapado, mas durante os Seus sofrimentos o risco era real. Louvado seja Deus, Ele saiu vitorioso! O risco está passado. A salvação é assegurada a toda a alma crente.

Há muitas facetas no significado do sacrifício de Cristo. Um que é importante é que Jesus, nosso Irmão mais velho, morrendo na Cruz provê o ponto para o qual cada pecador pode olhar com fé e com efeito dizer: «Confesso que sou um pecador e sou aquele que deveria ter morrido; arrependo-me e escolho ser como Ele em carácter e comportamento.» Quando creio desta maneira acerca de Jesus e de mim próprio, então a morte do Irmão mais velho trouxe salvação. Então a Sua morte é minha, e a minha vida pertence-Lhe. Deus conta-me como justo porque creio em Jesus, o Justo.

Pela ressurreição Jesus é o Irmão mais velho de cada crente. A Sua vida tem continuado enquanto geração após geração da Sua família tem sido tomada pela morte, aguardando agora o chamado do Irmão mais velho por ocasião da ressurreição assegurada pela Sua ressurreição.

3. Ele ascendeu ao Céu, à presença de Deus.

Um da nossa própria carne e sangue está com Deus! Que certeza é essa a de termos «o Irmão mais velho da nossa raça junto ao trono eterno.» (O Desejado de Todas as Nações, pág. 329). Ali Ele apresenta os membros da Sua família terrestre «a Deus como Seus filhos e filhas». (Testemunhos, vol. 6, pág. 363), e ministra a cada um deles as bênçãos resultantes do Seu sacrifício no Calvário. Para o Irmão mais velho ninguém é apenas um membro. Ele conhece os nossos nomes, individualidades, e ama-nos como se fôssemos o Seu único irmão ou irmã. O nosso Irmão mais velho apresenta ao Seu Pai os pedidos que Lhe fazemos em oração «como o Seu próprio pedido» (Idem 364).

Deste ponto de vantagem celeste o Irmão mais velho dirige os membros da Sua família, dirigindo o Seu trabalho e cuidando deles mesmo para além daquilo que Ele faria se estivesse fisicamente presente no meio deles.

4. Ele voltará à terra em glória. Se o Irmão mais velho esteve disposto a morrer pelos Seus irmãos e irmãs não desejaria estar com eles? (João 17:24).

Não parece apropriado falar da Segunda Vinda como uma reunião de família, mas de um ponto de vista ela é exactamente isso. Cada irmão e irmã redimido tem estado em contacto com Ele, embora seja um relacionamento à distância. E muitos irmãos e irmãs estão na sepultura. Mas quando voltar o Irmão mais velho, todos os irmãos e irmãs estarão vivos e juntamente Ele os levará para onde Ele estiver. Então a família se reunirá para sempre, pois Jesus dará aos Seus irmãos e irmãs uma vida que se iguala à Sua própria — eterna.

Cada acto da vida do Irmão mais velho como Messias foi feito para trazer à existência este momento de reunião familiar.

Cada um dos grandes actos do Irmão mais velho em nosso favor têm passado um por um para a história. — a Sua decisão em redimir o mundo, a Sua vinda como um de nós em Belém, o Seu sofrimento, a sua morte e ressurreição para a nossa redenção. Estamos agora no tempo da Sua intercessão celestial para a aplicação da redenção já assegurada. Aguardamos o Seu retorno. A Sua vinda não deve ser vista isolada dos outros actos. O Seu grande acto culminante é o propósito para tudo aquilo que o precede. Embora possamos chorar no Calvário, podemos alegrar-nos quanto à perspectiva do Seu retorno. Ele vai voltar em breve. Ele será apenas um Irmão mais velho para a Sua família — para outros será um juiz. Mantende a vossa fé no Irmão mais velho, pois Ele introduzirá a Sua família na eternidade.

Perguntas para discussão

1. De que maneiras podem as nossas experiências com o Irmão mais Velho ajudar-nos a compreender melhor a Jesus? De que maneiras são elas um obstáculo?
2. Que outras relações humanas além de «irmão» nos ajudam a compreender melhor Jesus? Quais são as mais eficazes?
3. De que maneiras é a Igreja uma família?
4. Avalie a prática dos membros de Igreja em se chamarem uns aos outros «irmão» ou «irmã».
5. Que implicações vê na instabilidade do lar para ensinar as crianças acerca de Jesus e da Sua Igreja?
6. Que pensa ser cumprido no plano de Deus com a segunda vinda de Jesus? Porque deve a Sua vinda ter lugar?

**A Oferta da Semana de Oração
e Sacrifício será levantada no próximo
Sábado, dia 12/12/81**

Partilhando as coisas boas de Deus

Walter R. L. Scragg

O exacto propósito da mensagem do Advento é apresentar a obra salvadora de Cristo tão claramente que reúna um povo à Sua volta.

O Banco Nacional em Bogotá, Colômbia, alberga um tesouro em ouro, desenterrado nos lugares da antiga civilização Incaica. Encontra-se dentro de uma casa forte, bastante protegida, no interior duma vitrina de vidro bem guardado onde pode ser admirada a arte que as pessoas daquele povo atingiram.

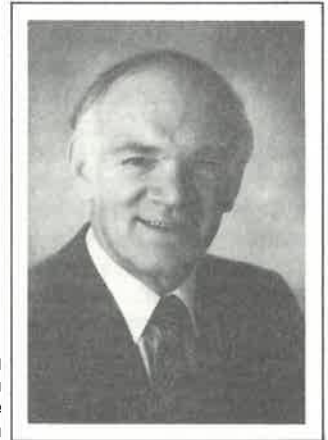
A protecção do tesouro é sofisticada e extensa. Mesmo os próprios guardas não podem voltar para trás ou demorar-se em qualquer arranjo. Quando uma pessoa entra na casa forte um relógio sofisticado começa a contar o tempo. Enquanto a pessoa se encontra ainda absorta de admiração perante a beleza da arte desta obra em ouro, soa um sinal de aviso, as luzes começam a apagar-se e a porta fecha-se inexoravelmente.

Quão frequente são as nossas vidas comparadas a isso! Vemos beleza, oportunidade, esperança, mas encontram-se para além do nosso alcance. Portas de circunstâncias, distâncias ou negação fecham-se e separam-nos daquilo que desejamos ou precisamos.

Não é assim com Deus. «Em quem temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça.» (Efés. 1:7).

Deus coloca perante nós as riquezas da Sua graça. Ele não levanta quaisquer barreiras, não fecha quaisquer portas, mas mantém o céu aberto para com as nossas necessidades. Oferece-nos um banquete de amor e serve-nos da Sua abundância com as Suas próprias mãos. «Levou-me à sala do banquete, e o Seu estandarte em mim era o amor.» (Cant. 2:4).

Deus convida o Seu povo a reunir-se à volta do abundante tesouro celestial. Aí à mesa do nosso



Walter Scragg
Presidente da
Divisão Norte
Europeia

Senhor encontramos unidade, união e harmonia. «Mas agora em Cristo Jesus, vós, que dantes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegaste perto. Porque Ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derribando a parede de separação que estava no meio.» (Efes. 2:13-14).

Todas as boas coisas que nos unem em Cristo provêm dos Seus actos de sacrifício e amor. N'Ele podemos proclamar a unidade do céu e da terra. «Por causa disto me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome, ... para que Cristo habite pela fé nos vossos corações.» (Efes. 3:14-17).

Somos tão diversos quanto a cultura, economia, educação, língua e raça nos torna. Como nenhuma outra denominação, os Adventistas do Sétimo Dia encontram-se empenhados em desfazer os efeitos da Torre de Babel. Quando a humanidade fugiu da destroçada Babel, obra das suas próprias mãos e concepção, Deus já tinha em vista a Torre do Gólgota que, de acordo com o Seu propósito, de novo haveria de unir as divididas raças da terra. «E Eu quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim» (João 12:32).

O exacto propósito da mensagem do Advento é apresentar a obra salvadora de Cristo tão clara e eficazmente que una um povo à Sua volta. A nossa obra é preparar um povo, «uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro.» (Apoc. 7:9).

João conheceu, ele próprio, um mundo dividido. Ao olhar para aquela multidão, a sua mente deve ter-se voltado para o Império Romano com as suas múltiplas províncias e reinos subjugados. Ao escutar as vozes desta vasta multidão, é possível que tenha detectado não apenas a sua língua nativa, o Aramaico, mas até o amado dialeto galileu da sua juventude. Todos se encontravam lá, à volta do Cristo que ele amou.

Uma mente carnal detém-se nas divisões entre pessoas. A pessoa espiritual percebe a influência unificadora de Cristo na Igreja. Satanás deseja que

classifiquemos as pessoas por categorias, as nomeemos por grupos, e as despeçamos em grupos. Pensando desta maneira origina horrores como os de Auschwitz e Belsen. Ainda que não vá a esse extremo, divide nações e separa grupos dentro de nações.

O mal do racismo

Este mal a que chamamos racismo. Não seria de admirar que numa comunidade multinacional e multirracional como a Igreja Adventista, o racismo levante, por vezes, a sua hedionda cabeça. Contra esta ameaça a nossa esperança não reside em soluções humanas que variem da segregação estrita à integração legislativa. A cura de Deus cria um povo que «segue o Cordeiro para onde quer que Ele vá.» (Apoc. 14:4). «Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus.» (Gal. 3:28).

O racismo origina-se e desenvolve-se num ambiente de ignorância e desconfiança. Dentro da comunidade da igreja deveriam ser envidados esforços construtivos no sentido das pessoas se compreenderem umas às outras. Onde quer que exista uma minoria numa igreja local, é possível surgirem mal-entendidos. Esforços cuidadosos deveriam ser levados a efeito no sentido de afastar esses mal-entendidos. As tensões podem solucionar-se por meio de uma conversa aberta e franca de uns com os outros. Onde grupos maiores de origens diversas permitam, a igreja organiza frequentemente encontros e seminários especiais a fim de criar uma melhor compreensão. Às vezes legislamos para ajudar em situações difíceis ou desfazer padrões que estão fixos pela cultura ou história mas que não estão correctos para a comunidade de Cristo. Mas todos estes esforços devem encontrar a sua génese na nossa unidade básica e igualdade perante Cristo.

«E sobre tudo isto, revesti-vos de caridade, que é o vínculo da perfeição,» (Col. 3:14).

Unindo os Indivíduos da família desta Igreja

Muito do que existe na sociedade moderna tem a tendência de dividir a família da igreja. As pressões do trabalho, as diferenças de educação e a vida cidadina encorajam por vezes encontros de perto entre os membros além dos de Sábado. Com mais de 21.000 congregações de igreja organizadas ao redor do mundo, é importante pensar na igreja local e no seu papel em promover a unidade.

Na sessão da Conferência Geral em 1980 uma pesquisa apresentada revelou que a solidão é o principal factor da apostasia. Cada vez que um irmão ou irmã deixa a família de Deus, a unidade que Deus está buscando diminui. Quão trágico é, que um membro da igreja, ou até uma família inteira, se possa sentir tão isolado dentro da comunidade de crentes que escolha abandoná-la em vez de permanecer nela!

O que é que cria a solidão? Negligenciamos-nos

uns aos outros — não deliberadamente, mas usualmente devido às nossas vidas muito ocupadas, os nossos próprios envolvimentos. Não ajudaria a vida da nossa igreja e impediria que muitos deixassem a igreja se *todos* — obreiros, leigos, jovens, crianças — tivessem um companheiro que observasse quando um irmão ou irmã falta à Escola Sabatina ou à igreja e então o procurasse para saber qual a causa da ausência?

Paulo apela ao interesse de uns pelos outros: «Portanto, se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor no Espírito, se alguns entranháveis afectos e compaixões, completai o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa. ... Cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros.» (Fil. 2:1-4).

Ambas as forças centrífugas, que nos separam, e forças centrípetas, que nos unem, operam no seio da família da igreja. O egoísmo tem afastado as pessoas umas das outras e de Deus desde o momento do primeiro pecado. Quantas vezes uma família se separa da igreja devido a dominarem a justificação, gratificação e exaltação próprias.

Em contraste com o egoísmo humano, o puro altruísmo de Jesus une-nos. «Àquele que não conheceu o pecado, o fez pecado por nós; para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus.» (II Cor. 5:21). O chamado para «uni-vos, uni-vos, uni-vos» (*Mensagens Escolhidas*, Vol. 2, pág. 374), que Ellen White faz repetidas vezes ao povo de Deus, projecta uma imagem de pessoas de todo o mundo buscando construtivamente o caminho da unidade.

O ego e as suas perversões fogem perante a nova natureza. «Mas agora despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos. E vos vestistes do novo, que se renova para conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou.» (Col. 3:8-10).

A nova natureza que temos em Cristo é uma vestimenta que necessita de ser renovada constantemente. Ao povo do antigo Israel foram dadas vestes e sapatos que não gastaram. Da mesma maneira renova Deus o Seu vestido de justiça cada dia das nossas vidas. Não podemos viver com êxito uns com os outros na família da igreja sem ele. «Onde não há grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos.» (Col. 3:11).

«A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria» (Col. 3:16). Se analisarmos essa palavra veremos por que uniu ela a igreja primitiva. Ao partilharem o amor de Cristo e a Sua graça encontravam terreno comum. Tinham algo de que falar, cantar e viver juntos.

Eles também se viram diferentes do mundo em que viviam. Tornaram-se *crístãos*, assim chamados pelos seus vizinhos.

Um crístão Adventista também encontra poder

de união num senso de diferença. Os nossos vizinhos vêm-nos diferentes, Temos a nossa dieta, o nosso dia, as mensagens de Ellen White, um senso comum da nossa história e origem baseadas no movimento de 1844, a nossa mensagem sobre o santuário. E num mundo que faz do viver cristão uma actividade cada vez mais minoritária, torna-se vital para nós sermos conhecidos pela nossa maneira cristã de viver — o nosso amor a Cristo.

O génio do Adventismo reside num certo grau do sentido de ser uma parte da tarefa inacabada de Deus. Ele ainda não acabou de aperfeiçoar os santos, ou edificar a igreja, ou proclamar o evangelho ao mundo. Unimo-nos para que possamos crescer em graça, possamos conhecer mais da Sua Palavra, possamos testemunhar de Deus. Estamos aqui para terminar a obra. A tarefa inacabada de Deus neste mundo consome as nossas energias, o nosso tempo, os nossos talentos e os nossos meios. Movimentamo-nos na história com Deus, à Sua ordem, para um clímax que Ele próprio está planeando.

Avancemos, portanto, unidos

Ellen White viu o povo de Deus como um pequeno grupo bem acima do mundo, movendo-se ao longo duma vereda difícil e sempre ascendente na direcção do reino (ver *Testemunhos*, Vol.1, págs. 58-61, ed. inglesa). Nesta visão ela compartilha ideias com o autor da carta aos Hebreus, que chama aos cristãos «estrangeiros e peregrinos» (cap. 11:13). A sua visão dum povo em acção unida, chamado a avançar unido, condiz bem com o modo da nossa fé hoje neste mundo conturbado e difícil.

«Procuremos», apela ele, «pois entrar naquele repouso.» (Heb. 4:11). Deus deseja que a Sua igreja descanse nas provisões da Sua graça. Ele pede-nos para atravessarmos o Jordão das obras-justiça e *unidos* entremos na terra prometida do descanso.

«*Cheguemos* pois com confiança ao trono da graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno.» (Heb. 4:16). Vinde comigo, vinde, vamos unidos, pede ele, para o lugar onde a divisão do pecado não pode entrar. Vinde e congreguemo-nos ao redor da Fonte da graça e poder de maneira que possamos não apenas vermo-nos uns aos outros como verdadeiros irmãos e irmãs mas sermos capazes de viver *unidos* como uma família.

«*Avancemos* no sentido da maturidade» (Heb. 6:3; Nova versão Inglesa). Os Adventistas têm construído a sua fé na Bíblia e seu estudo fervoroso. À volta da Palavra de Deus temos encontrado e continuaremos a encontrar unidade. Para a família de Deus permanecer *unida* deve aprendê-lo da mesma fonte através das lições da Escola Sabatina, da pregação da Bíblia e do estudo pessoal.

«*Cheguemo-nos* com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé. ... Retenhamos firmes a confissão da nossa esperança; ... e consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos à caridade ou ao amor e às boas obras.» (Heb. 10:22-24). De maneira que a fé, a esperança e o amor se unem como motivações na nossa peregrinação conjunta.

«*Corramos* com paciência a carreira que nos está proposta, olhando para Jesus, autor e consumador da fé.» (Heb. 12:1-2). Vemos a nossa vereda rodeada de dificuldades? Há perseguições que devemos suportar? Provações a sofrer? *Unidos* fixemos o nosso olhar em Jesus, que não somente nos chama a avançar para Ele mas também, doutra maneira, corre connosco através da vida.

«*Saiamos* pois a Ele fora do arraial, levando o Seu vitupério. Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura.» (Heb. 13:13-14). O Movimento Adventista tem sempre negado a permanência das instituições e sistemas terrestres. Assim como a ordenação antiga do sistema sacrificial judaico passou, assim também todas as ordenações mundanas se renderão ao Cordeiro de Deus. Não buscamos o nosso Senhor dentro de sistemas de governo ou de planos sábios da humanidade. Vamos aonde Deus colocou a nossa salvação. Vamos *unidos* a Jesus Cristo.

Em sociedades onde a desconfiança separa as pessoas e o temor isola inúmeros indivíduos, onde o eu domina os motivos e a avareza leva irmão a devorar irmão, onde o amor espúrio gera desilusão e pessoas infelizes se agarram como parasitas umas às outras, Deus chama o Seu povo para o ponto fulcral. Chama-nos para Jesus. Deixemos ao pé da cruz o nosso egoísmo, rendamos as nossas diferenças e avancemos unidos para a vitória.

Perguntas para discussão

1. Que significado, pensais vós, têm as questões seguintes, que ameaçaram a unidade da família apostólica de Deus, para nós hoje?
 - a) Litígios (I Cor. 6:1-9; Mat. 18:15-20; Col. 3:15). Ver também *Manual de Igreja* sobre conselhos acerca de litígios.
 - b) Espírito faccioso dentro da igreja (I Cor. 3:1-15; Actos 6:1; I João 4:1-3).
2. Que grupos minoritários existem na vossa igreja, no vosso país? Que passos se podem dar para os compreender melhor? Pode o testemunho ser eficaz quando opera duma posição de ignorância acerca da outra pessoa ou grupo?
3. Porquê que pensais ser importante ter o máximo de informação acerca de alguém por quem estejais a orar? A quem ajuda o vosso conhecimento?
4. Qual tem sido o destino daqueles que têm procurado desfazer a unidade do povo de Deus? Que factores, pensais vós, têm impedido que o Movimento Adventista se divida em facções segundo o ponto de vista racial ou nacionalístico?
5. Que papel desempenha o Espírito Santo na preservação da unidade da igreja?
6. Como distinguiríeis entre o movimento popular para a unidade ecuménica e a unidade, ou união, proposta em passagens tais como João 17; Efés. 4:11-13; I Cor. 12:30?

Fortalecendo a família

Betty Holbrook

A menos que um desejo genuíno para amar como Deus ama acompanhe os nossos esforços para estabelecer o lar, tais esforços estarão destinados ao fracasso.

Era Sexta-feira à tarde e os raios solares estavam a desvanecer-se lentamente no horizonte. Fora um dia pleno de acontecimentos — o mais importante duma semana muito especial.

O homem, alto, rosado e formoso levanta-se nos seus pés. Quem é esta mulher ao seu lado, perfeita e bela? Há apenas algumas horas atrás ele sentira-se só e vazio. Cada animal que tinha visto tinha um companheiro, mas ele era, em certo sentido, uma singularidade — não era Deus, não era um anjo, não era um animal. Onde se devia ele incluir? Bem no íntimo sentia necessidade de alguém. Vai esta mulher preencher essa necessidade?

Deus aproxima-se então, toma a mão de Adão, junta-a com a de Eva e proclama-os marido e mulher. Que momento especial! E quão adequado que, no espaço de horas junto um do outro, Deus tenha estabelecido o primeiro lar e o primeiro Sábado — um lugar e um tempo de descanso. Ambos deviam ser uma bênção exactamente até ao fim do tempo.

O lar — um lugar de repouso. Onde cada membro tem um sentimento de pertença. Onde podemos falar das nossas alegrias e satisfações, assim como dos nossos temores e desapontamentos. Onde podemos ser imperfeitos, mas ainda ser amados. Onde nos ajudamos um ao outro a crescer e a alcançar o êxito. Onde as boas recordações são bastante frequentes para fazerem esquecer as más. Onde podemos entrar pela porta e sentirmo-nos em paz.

Nem sempre é assim hoje em dia. Algumas vezes o lugar de repouso tem-se tornado um lugar de turbulência. Algumas vezes há um membro da família que está ausente — o pai, a mãe, um filho. Quando perguntamos: «Qual é a família modelo de hoje em dia?» a resposta não é concludente e tran-



Betty Holbrook
Directora
assistente do
Departamento do
Lar e da Família
da Conferência
Geral.

quilizante. Mas em vez de nos tornarmos mórbidos acerca do que está a acontecer no mundo à nossa volta, e muitas vezes nas famílias da nossa própria igreja, dirijamos os pensamentos de volta ao plano perfeito de Deus, ao dia em que Ele criou o homem e a mulher e pronunciou a Sua criação como *muito boa*.

Ele escolheu o lar como um dos meios para se revelar a Si mesmo e o Seu amor por nós. Devia ser o laço terrestre mais terno que jamais pudésemos experimentar. A perfeição do amor de marido e mulher deveria ser uma demonstração do amor de Deus. Cada um deles se deveria submeter voluntariamente ao outro, a mulher amando e respeitando o seu marido e o marido amando a sua esposa da mesma maneira em que Deus ama a igreja.

Marido e pai

De todos os exemplos Bíblicos da relação de marido-pai Abraão sobressai de maneira particular. Foi dito dele: «que há-de ordenar a seus filhos e a sua casa depois dele» (Gén. 18:19). Não havia, contudo, qualquer opressão nesta ordem. Abraão tinha uma maneira peculiar de fazer os membros da sua família participantes da sua fé. Quando o teste final para Isaque ser oferecido em sacrifício chegou, não houve qualquer luta física. A fé de Isaque espelhou a do seu pai, e o filho submeteu-se voluntariamente ao que ele cria ser o plano de Deus.

A imagem que vemos de Abraão não é a dum ditador, mas a dum sábio e hábil dirigente e professor. Ele dirigiu uma casa de mais de 1000 membros, e ao fazê-lo ensinava-lhes os seus métodos de governo familiar. A sua grande preocupação era prepará-los para o que estava no futuro, a tarefa primária de cada pai.

Abraão associava-se facilmente com pessoas. Era afável, benevolente e não se fechava em si mesmo, excluindo-se desse modo da família e dos amigos. Mas quando era necessário estava disposto e pronto a enfrentar testes difíceis e perigosos.

Havia também em Abraão um altruísmo que no mundo de hoje parece incrível. A despeito do facto de ser a cabeça da família, o chefe do seu povo, pôde dizer a Ló: «Ora não haja contenda entre mim

e ti, ... porque irmãos somos. ... Se escolheres a esquerda, irei para a direita; e se a direita escolheres, eu irei para a esquerda.» (Gen. 13:8, 9). Ele não estava interessado com os seus direitos e preferências — interesses que têm separado muitos lares. Ele praticou aquilo que Paulo aconselha: «Amái-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns dos outros.» (Rom. 12:10).

Havia um poder em Abrão que o levava a amar a sua família como Cristo amou a igreja. Ele não era um homem perfeito, mas era um grande homem, e a sua grandeza foi demonstrada na maneira como conduziu a sua casa.

A mesma grandeza passou depois para Isaque e deste para Jacó. Apesar de atormentado pela lembrança dos seus próprios pecados e fracassos, Jacó pôde, através da sua fé e do poder que a acompanha, dirigir a sua família.

Os anos em casa de Labão haviam sido longos. Agora Jacó, com temor, dirige a sua casa e haveres de volta para Canaã. A sua família está inquieta. Ele observa traços de ciúme, egoísmo e crueldade nos seus próprios filhos. Como pode ele continuar a jornada para Canaã com esta espécie de espírito? Como pode Deus abençoar?

Então Jacó reuniu a sua família e disse-lhes: «Tirai os deuses estranhos que há no meio de vós, e purificai-vos, e mudai os vossos vestidos. E levantemo-nos, e subamos a Betel; e ali farei um altar ao Deus que me respondeu no dia da minha angústia.» (Gen. 35:2-3). Com a sua família reunida à sua volta e com grande emoção Jacó repete a história da sua primeira visita a Betel, na ocasião em que deixara a tenda do seu pai; escapando pela sua vida. Foi exactamente neste lugar que o Senhor lhe apareceu na visão da noite. Ao rever as operações maravilhosas de Deus, o seu próprio coração é abrandado e os seus filhos são também tocados por um poder subjugante. Buscou a maneira mais eficaz de os preparar a unirem-se no culto de Deus ao chegarem a Betel. (Ver *Patriarcas e Profetas*, pág. 205).

Foi necessário ser um homem forte para reunir a sua família à sua volta, lembrar-lhes acerca dos seus próprios pecados e depois, em acção de graças, enumerar as bênçãos maravilhosas de Deus. Não admira que os seus filhos tivessem sido tocados. O mesmo poder subjugante pode ainda hoje alcançar os corações se o pai, como sacerdote da casa, confessar a Deus os seus próprios pecados e os pecados que os seus filhos cometeram durante o dia. (Ver *O Lar Adventista*, pág. 212). É o pai perfeito? A mãe? Os avós? Os filhos? Ainda não! Que fortalecimento não seria para a família se admitíssemos que não somos perfeitos, suplicássemos o perdão das nossas faltas e então louvásemos a Deus pelas Suas bênçãos e feitos para connosco.

«Uma alma salva no seio da vossa própria família ... brilhará tão fulgorantemente na vossa coroa como se tivéssemos encontrado essa alma na China ou na Índia.» (E.G. White, *Comentário Bíblico Adventista*, vol. 2, pág. 1009). A promessa dirige-se aos pais assim como às mães de hoje.

Esposa e Mãe

Que dizer acerca das esposas e mães?

«Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor (Efés. 5:22). Quão frequentemente têm estas palavras sido proferidas como um decreto de superioridade. Quão frequentemente têm elas sido usadas para autorizar um marido a tratar a sua esposa como um cidadão de segunda classe. Mas quão belas elas são quando compreendidas rectamente.

Paulo diz tanto aos maridos como às esposas: «Sujeitai-vos uns aos outros devido à vossa reverência por Cristo» (Efés. 5:21; Versão Inglesa na Língua de Hoje). Esta declaração coloca em perspectiva a ordem acerca das mulheres se submetem aos seus maridos. Mais tarde Paulo amplia-a ao acrescentar que as mulheres se devem sujeitar aos seus maridos assim como a igreja se submete a Cristo. Como se submete a igreja? Voluntariamente — sabendo que Cristo se dispôs a morrer por nós, que tomou a bacia e lavou primeiro os pés aos discípulos, que dirigiu não com temor e autoritarismo, mas com amor e compaixão. Uma esposa comentou: «Se o meu marido me amasse como Cristo ama a Igreja, não me importaria, de maneira nenhuma, de me sujeitar a ele.»

Quanto mais lemos acerca do plano de Deus para a esposa e mãe, mais estamos convencidos da sua importância. Embora o papel do marido e da esposa seja diferente, não há qualquer indício de superioridade. «Ela (a esposa e mãe) deve sentir que é igual ao marido — deve estar ao seu lado, fiel no seu posto de dever e ele no seu.» (*O Lar Adventista*, pág. 231).

Salomão, o rei mais sábio que jamais reinou, reconheceu este facto. Imaginemos a cena.

Salomão, está sentado no seu trono. À sua volta encontra-se a comitiva dos seus conselheiros e sábios. A sala desta reunião é magnífica. Para alguém se aproximar do rei requer cerimónias e rituais. Ninguém seria presunçoso para entrar casualmente sem ser convidado.

É a esta grande reunião que Bate-Seba, a mãe de Salomão, vem. Quando ela entra na sala, Salomão dirige-se a ela e curva-se. Fez trazer outro trono, colocou-o ao seu lado direito, e fez sentar sua mãe nele. Na sua presença, ele é apenas seu filho.

«Levantam-se seus filhos, e chamam-na bem-aventurada» (Prov. 31:28). Estas palavras não eram apenas palavras frívolas na boca de Salomão. Possivelmente ele terá visto na sua mãe as qualidades de esposa e mãe hábil tal como descrita em Provérbios 31: O seu marido tem confiança nela; ela lhe faz bem e nunca mal.

Ela é diligente, bastante trabalhadora, forte e industriosa.

É generosa para com os pobres.

Conhece o valor de todas as coisas — comida, vestuário, herdades.

É uma administradora, planeando sempre, provendo sempre para o futuro.

Fala com sabedoria gentil e é altamente respeitada.

Tem uma relação íntima com o seu Senhor.

Não admira, pois, que o sábio lamente que tal esposa seja difícil de encontrar e mais preciosa do que rubis! É esta espécie de esposa e mãe que reconhecerá que o seu trabalho é a mais elevada missão que alguém possa ter. Pode não atrair a atenção humana para obter o Prémio Nobel da Paz, mas há uma cena para a qual estou a dirigir, neste momento, a minha mente:

«Quando Samuel receber a coroa de glória, estendê-la-á em honra diante do trono e alegremente reconhecerá que as fiéis lições da sua mãe, mediante os méritos de Cristo, o coroaram com glória imortal.» (*O Lar Adventita*, pág. 536). Sou possuída de um sentimento de que outros filhos e filhas irão remover as suas coroas ao darem, também, honra às suas mães.

Marido e mulher

Quando o marido e a mulher construírem respeito mútuo, nutrirão uma relação de amor e desenvolverão uma relação de cooperação, só então fortalecerão o seu lar. Não há nada melhor que possam fazer pelos seus filhos do que nutrir os laços terrestres mais ternos. Será uma lembrança constante à família do amor de Deus e uma base para as suas relações futuras.

Uma família que tem tais bases sólidas terá uma segurança que falta ao mundo hoje. Nada há mais tranquilizador do que o facto de que Deus nos ama e que temos valor aos Seus olhos. «Aquele que pagou o preço da sua redenção conhece o valor da alma humana.» (*Patriarcas e Profetas*, pág. 140). De facto, o Senhor entristece-se quando nos atribuímos a nós mesmos pouco valor. Ele deseja que nos avaliemos de acordo com o preço que Ele colocou sobre nós.» (Vede *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 668). Esse preço coloca as pessoas numa base de igualdade. Nenhuma longa lista de virtudes ou talentos torna uma pessoa mais valiosa do que outra. Ele criou-nos, reuniu-nos e diz-nos tal como disse a Jeremias: «Escolhi-te antes de te ter dado vida e antes que nascesses Eu te elegi» (Jer. 1:5, Versão Inglesa na Linguagem de Hoje). «Chamei-te pelo teu nome — tu és meu,» declara o Senhor. (Isa. 43:1; idem).

O Valor tem origem em Deus

Algumas vezes temos admitir que possuímos valor porque reecemos o orgulho. Mas não há qualquer ligação entre valor e orgulho. O valor tem origem em Deus, enquanto que o orgulho teve origem em Lúcifer, quando desejou ser «semelhante ao Altíssimo» (Isa. 14:14). As suas listas de virtudes e talentos não eram jamais satisfatórias. Não lhe era suficiente ser o primeiro dos querubins cobridores; desejava ser semelhante a Deus. Jesus ilustrou o orgulho com a parábola do Fariseu que orou: «Estou grato porque não sou como este pobre publicano» (Lucas 18:11). O orgulho é uma comparação. Torna-nos completamente absorvidos connosco próprios — e miseráveis.

Quando podemos descansar certos do nosso valor, podemos esquecer o eu e interessar-nos nos outros. Podemos ouvir e tentar compreender. «Alguém que está seguro de si mesmo não fala todo o tempo,» diz o sábio. «As pessoas que permanecem calmas têm visão real.» (Prov. 17:27; idem).

Pedro devia sentir-se bastante inseguro quando primeiramente se tornou um discípulo. «Estava constantemente a falar desavisadamente, dum impulso do momento. Estava sempre pronto a corrigir os outros, e a exprimir-se antes de ter uma clara compreensão de si mesmo ou daquilo que devia dizer.» (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 812). Foi só depois de Pedro ter negado o seu Senhor, depois de ter, também, chorado sozinho no jardim, que ele se compreendeu a si mesmo e ao seu Salvador. Ele saíu dessa experiência um homem diferente — ainda entusiasta, mas não mais impetuoso, auto-confiante e auto-exaltado. O novo Pedro era calmo, dominado e dócil. O novo Pedro não era tão defensivo, mas era mais aberto a discussões honestas e mais capaz de se relacionar com outros.

O fortalecimento do lar inicia-se com a nossa relação com Deus e alarga-se às nossas relações de uns com os outros. Nada pode tomar esse lugar. Há muitas coisas que podemos fazer — dirigir cultos de família, reunir-nos em conselhos de família, celebrar o Sábado juntos, organizar tradições de família, aprender a arte da comunicação, descobrir novas maneiras de enfrentar a ira e o ressentimento — mas a menos que exista um desejo genuíno de amar como Deus ama na base de todas as nossas acções, os nossos esforços estão destinados inexoravelmente ao fracasso. O plano perfeito original foi Seu, e só com a Sua ajuda podemos retornar a ele.

Nos dias de Acabe e Jezabel eram predominantes a violência, a perversão sexual e a idolatria de toda a espécie. Foi esta vil atmosfera que Elias destemidamente enfrentou. Ele apelou para o arrependimento e para a reconstrução dos altares de Jeová. O paralelismo hoje é bastante claro para ser negado: «O mundo hoje tem os seus Acabes e as suas Jezabels. ... Multidões têm uma concepção errada de Deus e dos Seus atributos, e estão tão verdadeiramente servindo um falso Deus como estavam os adoradores de Baal.» (*Profetas e Reis*, pág. 177).

A mensagem de Malaquias soa tanto uma advertência como uma promessa: «Eis que Eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor; e converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição.» (Mal. 4:5-6).

Chegou o tempo de fortalecermos as nossas famílias.

Perguntas para discussão

1. De que maneiras práticas pode a igreja ajudar a fortalecer as famílias?
2. Existem maneiras pelas quais a igreja esteja fracturando a unidade da família?

3. Por que é importante que o pai assuma o papel de líder espiritual da família?
4. Se o pai estiver ausente ou se for incapaz ou recusar tomar o seu papel, que pode a mãe fazer para nutrir o crescimento espiritual no seio da família sem o excluir?

Para os membros da família responderem quando estiverem juntos:

5. Quais são as fortalezas da vossa família? Sede específicos ao enumerá-las.
6. Em que áreas existe lugar para crescimento? Como poderia ser isto conseguido?

Quinta-feira, 10 de Dezembro

A responsabilidade da família para com os deficientes

W. S. Banfield



W. S. Banfield
Director do
Departamento
das Relações
Humanas da
Conferência Geral

Uma percepção inflexível do amor de Deus pelo mundo é o manancial da nossa relação com todos os membros da família humana.

Se puder impedir o destroçar dum coração,
Não viverei em vão;
Se puder aliviar a uma vida o sofrimento,
Ou abrandar uma dor,
Ou ajudar um pisco desfalecido
A encontrar de novo e seu ninho,
Não viverei em vão.

Emílio Dickinson

Um cristão com um coração compassivo é digno desse nome. Os cristãos que não transmitem compaixão com as suas obras de misericórdia são como nuvens sem chuva ou como aqueles que «passaram de largo» (Lucas 10:31-32).

Santidade é bondade prática. Quando somos salvos, uma das maneiras de demonstrar a nossa salvação é por meio de actos de amorosa amabilidade. Assim como os músicos expressam a música que está no seu íntimo, assim devem os cristãos expressar a sua salvação pelas suas vidas. O segredo está na nossa relação com Cristo. A vontade de Deus a nosso respeito é que demonstremos o amor que possuímos da nossa salvação.

Os homens e as mulheres foram criados à imagem de Deus (Gen. 1:26-27). A humanidade e a divindade estiveram inseparavelmente unidas na Criação, de modo que o que nos torna mais piedosos

torna-nos também mais humanos. Ser verdadeiramente humano significa estar interessado no bem-estar dos outros, ser amável, considerativo, terno, compassivo, misericordioso e amoroso. Disse o cínico: «Eu poderia ter feito um mundo melhor do que este.» Respondeu o sábio: «Essa é a razão porque foi colocado aqui. Avance e faça-o.»

A graça de Deus engrandece a nossa humanidade. Ao aceitarmos Cristo como Salvador e ao torná-l'O Senhor das nossas vidas tornamo-nos luzes num mundo tenebroso e dispostos a cuidar dos desafortunados numa sociedade descuidada. Nesta tarefa o lado humano da Igreja está no seu ponto mais nobre.

O reavivamento dirigido por Jonatas Edwards na metade do século dezoito, conhecido como «O Grande Despertamento,» foi parte complementar da obra dos Wesleys e George Whitefield. Este período de revivamento foi marcado por grande reforma social. Cada período de reavivamento ou evangelismo tem sido caracterizado dessa maneira na história do cristianismo. A expectativa do retorno iminente de Cristo tem encorajado fortemente as obras da caridade. Os reavivamentos não só nos tornam mais espirituais, mas também nos tornam mais humanos.

A Família

Uma família é um grupo de pessoas relacionadas pela descendência, casamento, ou partilha de experiências e crenças comuns. «Estou muito contente por ser uma parte da família de Deus» são palavras dum hino favorito. Estas palavras resumem no meu íntimo alguns dos sentimentos mais profundos que possuo.

Sou uma parte da família de Deus pela criação.

Actos 17:26 diz: «E (Deus), de um só, fez toda a geração dos homens, para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados, e os limites da sua habitação.» (Actos 17:26). Genealógicamente todos os homens e mulheres são descendentes de Adão e Eva. Como membros da mesma família humana, devemos uns aos outros um reconhecimento desse parentesco. Um conhecimento deste facto confirmado biológica e Bíblicamente, contudo, não é suficiente. O nosso reconhecimento deste parentesco físico deve ser elevado a uma afinidade espiritual.

Também me posso tornar parte da família espiritual de Deus pela redenção. «A todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no Seu nome. Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus» (João 1:12-13). «Regozijai-vos, pois, porque por meio de Cristo vos tendes ligado a Deus, e tornado desse modo membros da família celeste.» (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 493). «Vede quão grande amor nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamados filhos de Deus. Por isso o mundo nos não conhece; porque o não conhece a Ele. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele; porque assim como é O veremos. E qualquer que n'Ele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também Ele é puro». (I João 3:1-3).

Os cristãos estão cientes não só da sua identidade biológica mas também daquela unidade que têm em Cristo, não segundo a carne, mas segundo o Espírito, não na participação comum da natureza humana, mas na participação do corpo quebrado de Cristo. Somos não apenas membros duma carne, mas desse corpo único. Temos a nossa unidade não apenas no sangue comum da nossa vida física, mas no facto de que somos um em Cristo Jesus.

Há nos cristãos um espírito de coesão para o qual o mundo em geral não está preparado, um espírito de unidade que é fundamental e indivisível, um laço mais forte do que o mero parentesco físico. Entre cristão e cristão fluem linhas de comunicação que não existem onde não-cristãos estão envolvidos.

Enfrentando diferenças

O que Deus está a fazer é algo que se pode considerar um milagre. Por meio de Jesus Cristo Ele aboliu barreiras que dividem os seres humanos uns dos outros a fim de criar uma nova humanidade singular.

As diferenças entre as pessoas são um problema para a maioria de nós. São um problema nas famílias, no trabalho, na vizinhança, na escola e na igreja.

Sentimo-nos mais à vontade com aqueles que pensam como nós, comem como nós, parecem-se conosco, falam como nós, adoram como nós e que estão no nosso nível económico. Com esses sentimo-nos à vontade. Quanto maiores forem as

diferenças, menos à vontade nos sentimos com tais pessoas. As diferenças são difíceis de ultrapassar e por vezes tornam-se uma ameaça à unidade da família. Isto é especialmente verdade em relação com os desafortunados — pessoas cujas diferenças são um perigo, embaraço ou obstáculo para a sua sobrevivência. Por vezes é necessário um esforço sério para não sentir repulsa por uma pessoa com defeitos na fala, com falta de um braço ou de uma perna, feições feias, doença de paralisia, deformidade física, maneiras rudes, vestido de lã artificial, ou grande falta de gentileza ou espiritualidade. Serem tais pessoas pobres ou sem educação aumenta ainda mais a nossa rejeição.

Durante algumas semanas levei um grupo de cegos adultos à escola. A sua desvantagem física constituía uma ampla diferença entre nós. Senti-me feliz por ter sido útil, mas senti-me inicialmente perturbado por pensamentos tais como: Que poderei fazer ou dizer para manter alegre este grupo infeliz? Quão inconveniente e desperdício de tempo ter de os ajudar em todas as coisas, tanto a andar como a usar as mãos. Mas quão errado estava eu ao pensar assim! Eles eram interessados, felizes, joviais, expedientes e completamente independentes. Gostei imenso de cada viagem. Que companheirismo, que alegria sublime veio a ser esta experiência! Quão diferentes são as pessoas quando nos interessamos nelas ou buscamos conhecê-las.

A Bíblia identifica claramente os desafortunados e esclarece sem lugar para dúvidas quanto à nossa responsabilidade para com eles relativamente ao nosso parentesco biológico e espiritual.

«A religião pura e imaculada para Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo.» (Tiago 1:27). «Bem-aventurado é aquele que atende ao pobre; o Senhor o livrará no dia do mal» (Sal. 41:1). «Então dirá o Rei aos que estiverem à Sua direita: Vinde, benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me. ... Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.» (Mat. 24:34-40).

«Eu era o olho do cego, e os pés do coxo» (Jó 29:15). «Traziam-Lhe todos os que padeciam, acometidos de várias enfermidades e tormentos, os endemoninhados, os lunáticos, e os paralíticos, e Ele os curava.» (Mat. 4:24).

«Então chegou ela, e adorou-O, dizendo: Senhor, socorre-me. Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos. Ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores. Então respondeu Jesus, e disse-lhe: Ó mulher! grande é a tua fé: seja isso feito para contigo como tu desejas. E desde aquela hora a sua filha ficou sã.» (Mat. 15:25-28).

Ellen White afirma: «Há nas grandes cidades multidões que recebem menos cuidados e conside-

ração do que mudos animais.» (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 189). «Mas não necessitamos de ir a Nazaré, a Cafarnaum ou a Betânia para andar nos passos de Jesus. Encontraremos as Suas pegadas ao pé do leito dos doentes, nas grandes cidades, e em qualquer lugar onde há corações humanos necessitados de consolação. Fazendo como Jesus fazia na terra; andaremos nos Seus passos.» (*O Desejado de Todas as Nações*, pág. 479 (ed. port. antiga); 616 (ed. moderna).

Como cristãos reconhecemos o nosso parentesco biológico e espiritual para com toda a humanidade. Este parentesco tem por base o interesse pelas pessoas e a sua importância e valor como indivíduos. Estamos interessados na utilização aperfeiçoada dos recursos pessoais duma pessoa independentemente das suas desvantagens físicas, mentais, económicas, sociais ou espirituais, ou desvantagens que se tornem mais agudas devido ao sexo, raça, cultura ou ideal político. Estamos interessados em como as pessoas actuam entre si e na aceitação de pessoas que são diferentes na base da sua dignidade como seres criados à imagem de Deus e dignos do Seu sacrifício expiatório.

Há um destino que nos torna irmãos;
Ninguém anda esse caminho sozinho:

Tudo o que introduzimos nas vidas dos outros
Vem-nos de volta para as nossas.

Não me importo com os seus templos ou os seus credos,

Uma coisa permanece firme e imutável —
Que a alma do homem é arremessada
Para a funesta pilha dos dias e feitos.

— *Edwin Markham*

Não obstante a natureza da sua desvantagem, as pessoas devem encontrar significado na vida, segurança e aceitação a não ser que sofram de perda de identidade. Perda de identidade é uma incapacidade de relacionamento entre o indivíduo e a sociedade. Aqueles que sofrem dum sentimento de anonimato (uma perda de identidade) sentir-se-iam melhor se cressem que a sociedade precisava deles e estava interessada neles. Entre as necessidades importantes que sentimos como indivíduos contam-se as de associação na qual experimentamos o sentimento de pertença, aceitação e apoio social. É em tais associações que a nossa identidade é moldada e apoiada por outros com interesses e ideais idênticos. Quanto menos certa uma pessoa se sentir quanto ao seu lugar na sociedade, maior a sua perda de identidade. Nada é mais terrífico do que uma pessoa sentir-se nada.

Cumprindo o propósito de Deus

Devemos ter um sentido do propósito de Deus, para as vidas dos seres humanos de modo que nos leve a incluir no nosso pensamento, planeamento e variadas actividades os cegos, os surdos, os paraplégicos, os pobres, os desprovidos de cultura, os refugiados ou imigrantes recém-chegados, os desajustados socialmente, os presos, os doentes, os fal-

tos de educação ou arte e até os mentalmente retardados. Onde possível, deveria treinar-se pessoal especializado e construídos ou reconstruídos edifícios para minorar as necessidades e prover conforto aos desafortunados. Deveríamos tratar todas as pessoas como pessoas de valor e importância. Isto dará um sentimento de pertença àqueles que a sociedade tem votado ao abandono ou que sofrem de negligência benigna.

Em última análise toda a teologia cristã é uma teoria de amor divino. Este amor é exemplificado na vida e morte de Jesus. Jesus identificou-Se com a causa e interesses de todos os seres humanos. Ele estava destinado a depor a Sua vida em seu favor.

Este amor divino não somente justifica o nosso amor por aqueles que são deficientes mas facilita-o. É na vida daqueles nos quais o Seu amor provoca amor que testemunhamos uma tão vasta paixão, uma devoção tão compreensiva. Quando «vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim» (Gal. 2:20). O Seu amor leva, forçosamente, amor a todos os seres humanos. Não mais interessa se as pessoas são amigáveis. Como objectos do Seu amor na vida e na morte são preciosos à vista de Deus.

Este sentimento inflexível do amor de Deus por este mundo é o manancial do nosso relacionamento com todos os membros da família humana. Foi-nos também dada esta certeza: «Se abrires a tua alma ao faminto, e fartares a alma aflita; então a tua luz nascerá nas trevas, e a tua escuridão será como o meio-dia. E o Senhor te guiará continuamente, e fartará a tua alma em lugares secos, e fortificará os teus ossos; e serás como um jardim regado, e como um manancial, cujas águas nunca faltam.» (Isa. 58:10-11).

Ó Divino Mestre,

Dá que eu não busque tanto
Ser consolado como consolar;
Ser compreendido como compreender;
Ser amado como amar;
Pois é em dar que recebemos;
É em perdoar que somos perdoados;

e
É em morrer que nascemos para a vida eterna.

— *Duma oração de Francisco de Assis*

Perguntas para discussão

1. Que tem a haver a bondade prática com a santidade?
2. Quais são os dois níveis do nosso parentesco com a família humana?
3. Qual é a característica de cada época de revivamento ou evangelismo?
4. Quem são os desafortunados?
5. Quais são algumas maneiras de andar nos passos de Jesus?
6. Qual é o manancial do nosso relacionamento com todos os membros da família humana?

Os jovens e os idosos na família de Deus

Alfonso P. Roda

Negligenciar as necessidades especiais dos jovens e dos idosos seria uma abdicação das nossas responsabilidades a nós atribuídas por Deus.

A família de Deus na terra é constituída por pessoas de todas as idades. Em primeiro lugar é constituída pelo grupo dos mais pequeninos — os bebés de colo e as crianças dos jardins-escola, escolas primárias e secundárias. Estas são dependentes. Necessitam de ser alimentadas, vestidas e cuidadas a maior parte do tempo. As idades deste grupo vão desde o nascimento até aos 12 anos de idade.

O segundo grupo é constituído por jovens. Os jovens estão em fase de amadurecimento físico e a comecem a sentir o desejo da satisfação sexual; desejam libertar-se do controlo dos pais ou de qualquer outro adulto: sentem-se perplexos devido às correntes filosóficas e doutrinárias, perguntando-se a si mesmos quais, se acaso alguma o possa ser, são verdadeiras; desejando saber qual será o seu futuro enquanto se preparam para o mundo laborioso. É uma fase tumultuosa pois as decisões que fazem são-no para o tempo presente e a eternidade.

O terceiro grupo consiste daquelas pessoas que suportam os fardos e as responsabilidades dos negócios, economia, governo, defesa, educação, religião, saúde, etc., etc. Estas pessoas fazem mover as rodas do mundo ao presente e também tomam responsabilidades para o mundo de amanhã. Encontram-se na fase dos anos produtivos — desde cerca dos 23 aos 70 anos de idade.

Finalmente existe o grupo dos idosos — os cidadãos seniores. Os seus anos de maior produtividade estão no passado. Estão agora no ocaso da vida e deram lugar a pessoas mais jovens — cujos joelhos são mais fortes, cuja vista é mais clara, cujo discernimento é mais agudo, cujas energias parecem ilimitadas. Estas pessoas idosas foram agora postas na prateleira, digamos assim — úteis especialmente para efeitos de consulta.

O segundo e o quarto grupos da família de Deus serão o objecto deste estudo.



Alfonso Roda
Director do
Colégio da União
Filipina, cidade
de Calocam
Filipinas

Escreve o apóstolo Paulo: «Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos os homens, especialmente aos da família da fé.» (Gal. 6:10).

Certamente que a igreja tem uma obrigação para com todas as pessoas em toda a parte. Somos os guardadores do nosso irmão. Este é um dever colocado sobre os ombros de todos aqueles que nomeiam o nome de Cristo. O versículo acima citado sugere, contudo, que a igreja dê prioridade, no cuidado, aos seus próprios membros. Isto é verdade tanto em questões espirituais como materiais. A igreja será incapaz de servir o mundo condignamente se a sua própria casa não estiver em ordem. Se negligenciarmos os que são membros da nossa família, aqueles que nos são mais queridos e que estão mais perto de nós, quão eficaz será a nossa mensagem para o mundo? Se não podemos tomar conta daqueles em necessidade entre nós, como poderemos tomar conta dos que são de fora?

Os jovens e os idosos são particularmente vulneráveis. Parecem estar sujeitos aos ataques mais ferozes e subtis de Satanás. Eles têm problemas específicos com os quais a igreja se deve preocupar. Negligenciar esses problemas — fechar os nossos olhos para não darmos pela sua existência ou relegar a solução dos mesmos para outras pessoas (isto é, à sociedade como um todo ou a instituições do governo) — seria uma abdicação das responsabilidades a nós confiadas por Deus.

Ambos estes grupos são importantes para a igreja. Negligenciá-los seria prejudicial para a igreja e colocaria o seu futuro em perigo. Não devemos negligenciar a nossa juventude pois ela é o futuro da nossa igreja. Não podemos conscienciosamente abandonar os idosos e relegá-los para uma existência anónima. Ambos os grupos precisam de ser apoiados em todo o tempo de modo a sentirem-se como parte das nossas famílias e da grande família de Deus. Apesar das suas faltas, dos seus sentimentos de insuficiência, dos seus temores em nos serem pesados ou à sociedade, devemos fazer-lhes sentir que têm, realmente, valor. Apesar de podermos discordar da sua maneira de pensar, atitudes, ou comportamento, não devemos fazer-lhes sentir como se fossem proscritos. Se nos relacionarmos devidamente com eles, ambos os grupos se poderão tornar membros apoiantes do programa total da

igreja ao cumprirem as suas metas e objectivos do crescimento da igreja, companheirismo e na proclamação bem sucedida e vitoriosa do evangelho.

Os Jovens

Que problemas temos relacionados com a nossa juventude? Podemos não possuir de momento estatísticas exactas, mas os administradores dos colégios e preceptores de estudantes, directores de academias, professores, e até pastores de igreja testificam o facto de que há um número crescente dos nossos jovens envolvendo-se em práticas outrora cridas como sendo estilo de vida dos jovens «mundanos» — delinquência, pequenos delitos, bandos de adolescentes, promiscuidade sexual, vandalismo, divertimentos mundanos, fumo, uso de bebidas alcoólicas e de drogas. Estas práticas têm penetrado no seio da juventude da igreja. Temos, na verdade muitos jovens equilibrados, de bom comportamento que são uma bênção para a nossa igreja, dedicados e prontos a ajudar na sua obra. Mas muitos estão-se envolvendo num comportamento deletério, pernicioso, não saudável e destrutivo.

As raízes de um tal comportamento não são fáceis de detectar, mas parece que a rápida urbanização das nações trouxe consigo uma quebra dos laços familiares e sociais, diminuindo assim a influência paterna e engrandecendo o impacto de vigilância sobre os jovens. Os pais que trabalham têm pouco tempo ou nenhum para os seus filhos. Acrescenta-se a isto a influência maligna do entretenimento da televisão e a atitude que está sendo injectada nas mentes jovens pelas escolas e pela literatura popular corrente, de que podem «fazer o que lhes aprouver» — viver a vida à sua maneira e tomarem as suas próprias decisões, desprezando os conselhos de família, da igreja e da escola. A tragédia em tudo isto é que muitos estão a fazer decisões erradas, baseadas nos sentimentos e no impulso dos prazeres imediatos, esquecendo-se dos resultados a longo prazo.

Como igreja precisamos de nos empenhar a sério na tarefa de restaurar a união da família. Em muitas famílias os membros das mesmas não têm qualquer oportunidade de se conhecerem uns aos outros — as suas variadas actividades separam-nos durante a maior parte do dia e parte da noite. Os pais e os filhos precisam de trabalhar juntos harmoniosamente em actividades domésticas e devem planear actividades interessantes em que participem todos os membros da família, a fim de promoverem a união da família. Os programas e planos das actividades devem ser consideradas como programas sérios de encontro com alguém superior.

Precisamos de ter um reavivamento do culto matutino e vespertino familiar — dispender tempo juntos no estudo da Palavra de Deus e orar fervorosamente uns pelos outros. Precisamos de mostrar interesse genuíno nas várias actividades dos jovens e juntos buscarmos soluções para quaisquer problemas que surjam. A afirmação de que: «A família que ora junta permanece junta» é certamente verdadeira.

Um sociologista que estudou o aumento da de-

linquência na Rússia chegou às seguintes conclusões:

1. Cerca de 70 a 80 por cento dos juvenis que se envolvem em actos de violência provêm de lares destruídos.

2. Quanto mais elevados forem os talentos vocacionais entre os jovens, menor a percentagem de crimes.

3. Os filhos de pais com um nível educacional secundário ou superior são propensos a quebrar a lei numa proporção de apenas metade em relação com aqueles que são filhos de pais que apenas tiveram instrução primária.

Embora vivamos em culturas bastante diferentes umas das outras, creio que estas conclusões se podem aplicar em qualquer parte. Quão importante, pois, que mantenhamos fortes os laços familiares e manifestemos amor, afeição e interesse uns pelos outros. Procuremos manter a juventude ocupada em actividades válidas — por exemplo, aprender a tocar um instrumento musical, aprender uma actividade vocacional, ou ocupada em deveres escolares. Busquemos demonstrar interesse sincero nos deveres escolares dos nossos filhos, nas suas brincadeiras, a quem são os seus amigos.

Costuma dizer-se que um pai leva o filho ao circo mas envia-o à igreja, o que revela que o pai manifesta interesse no entretenimento do seu filho mas não no seu crescimento espiritual. Somos nós, pais, culpados disto? Não levaremos de preferência os nossos filhos tanto ao circo (ou a actividades recreativas sãs) como à igreja? Além disso é dito que uma criança até ao começo da adolescência segue o que lhe dizemos, mas após a meninice seguirá o que nos vir fazer. O exemplo paternal é, por conseguinte, imperativo no ensino de valores espirituais.

Ellen White tem conselhos pertinentes para nós a respeito da educação da juventude. O trabalho em favor dos jovens deveria ser considerado como «trabalho missionário do mais elevado valor», e «requer o mais delicado tacto, a mais atenta consideração, a mais fervorosa oração por sabedoria celeste. [Além do mais], a juventude constitui o alvo especial dos ataques de Satanás; mas a amabilidade, a cortesia, e a simpatia que fluem dum coração cheio do amor de Jesus, ganharão a sua confiança e preservá-los-á de muitos laços do inimigo. ...

«Os jovens precisam de mais do que uma atenção casual, mais do que uma palavra ocasional de encorajamento. Eles precisam que se lhes dedique um trabalho cuidadoso, consciencioso e acompanhado de oração. Apenas aquele cujo coração está cheio de amor e simpatia estará apto a alcançar aqueles jovens que são aparentemente descuidados e indiferentes. ... Deve ser dado maior estudo ao problema de como tratar com a juventude, oração mais fervorosa por sabedoria que é necessária ao tratar com mentes jovens. ...

«Deveríamos buscar penetrar os sentimentos dos jovens, simpatizando com eles nas suas alegrias e vitórias». (*Obreiros Evangélicos*, pág. 207-209).

Muito se costuma dizer acerca do «fosso de

gerações» entre pais e filhos, mães e filhas. Eu aventurar-me-ia a dizer que se os pais estivessem a cumprir diligentemente os seus deveres e sendo verdadeiramente amorosos e compreensivos, não haveria qualquer fosso de gerações. Se nós, como igreja, trabalharmos unidos neste importante assunto, com a direcção do Espírito Santo, a profecia de Malaquias pode muito bem ser cumprida nos nossos dias: «Ele (o profeta Elias) reconciliará os pais com os filhos e os filhos com os pais» (cap. 4:6, Versão Nova Inglesa).

Os Idosos

Um dos grupos mais negligenciados no nosso meio é o dos idosos. Parece que somos propensos a esquecer aqueles que tanto contribuíram para as nossas vidas — para o nosso crescimento e desenvolvimento. Ficamos incomodados com eles e abandonamo-los a si mesmos. O quinto mandamento que ordena «honra o teu pai e a tua mãe», permanecem em vigor mesmo depois dos nossos pais atingirem a idade de 60 anos. Honrar os nossos pais durante todos os dias da sua vida é o claro princípio envolvido no mandamento.

Uma das experiências mais impressionantes nos Estados Unidos e em muitos outros países, creio, é uma visita a um lar para a terceira idade. Nestes lares existem homens e mulheres idosos sentados e nada fazendo, a maior parte do tempo parecendo vazios, mas muitas vezes sonhando acerca dos tempos do passado. Muitas destas pessoas sentem-se tristes acerca de si mesmas. Sempre que vejo isto pergunto a mim mesmo: Onde estão os filhos ou netos para cuidar deles no ambiente familiar a que estavam habituados e que amavam?

A cultura pode ser algo diferente nos países do Ocidente daquela donde eu sou — o Oriente — onde ainda não há lares para a terceira idade. Mas de qualquer maneira, eu ainda continuo a pensar que os nossos pais idosos merecem um tratamento melhor do que aquele que muitos estão recebendo.

Quando e se se tornar necessário colocar os nossos pais idosos num lar para a terceira idade, mesmo assim ainda podemos fazer muito para que eles se sintam necessários. Visitas frequentes, chamadas telefónicas e cartas fá-los-ão saber que os amamos e que nos lembramos deles. Se eles ainda estiverem em boas condições físicas podemos levá-los a passeios ou excursões, ou levá-los para a nossa casa durante os fins-de-semana a fim de nos acompanharem em algumas visitas. Isto não é o ideal (o ideal é tê-los em nossa casa), mas pode ser a única solução possível para algumas famílias.

Se houver pessoas idosas que não tenham tido filhos ou estes estejam longe ou tenham já falecido, então pertence à igreja fazer alguma coisa por essas pessoas necessitadas. «Os da família da fé» (Gal. 6:10) devem cuidar dos seus desamparados. «Sempre que possível, deve ser o privilégio dos membros de cada família ministrar aos da sua própria família. Quando isto não for possível, pertence à igreja esse trabalho». (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 204). Temos nós sido falhos nisto?

Uma das coisas que deprime as pessoas de idade mais do que qualquer outra coisa é que elas se sentem agora inúteis e que se tornaram parasitas das suas famílias ou da sociedade. Soren Kierkesgaard escreveu: «Oh, a desolação dos idosos, se ser-se velho significa isto; que em qualquer dado momento um ser vivo possa olhar para a vida como se ele próprio não existisse, como se a vida fosse apenas um acontecimento do passado que não mais tenha tarefas presentes para ele como ser vivo, como se ele, como ver vivo, e a vida tenham sido cortados um do outro dentro da própria vida, de modo que a vida estivesse passada e ausente e ele se tivesse tornado um estranho para com ela».

Quão verdade é isto! Tratamos nós os nossos velhos desta maneira, separando-os de toda a actividade de modo a «tornarem-se uns estranhos» para com a vida? Não deveríamos nós, de preferência, ligá-los de perto com todas as nossas actividades e deste modo tornar as suas vidas tão felizes e plenas quanto nos seja possível?

Ellen White diz que deveríamos «ajudá-los (os idosos) a sentir que a sua utilidade não chegou ao fim. Fazei-os sentir que a sua ajuda é valiosa, que há ainda qualquer coisa para eles fazerem no sentido de ministrarem a outros, e isso alegrará os seus corações e tornará as suas vidas mais interessantes» (*A Ciência do Bom Viver*, pág. 204).

Se tivermos de seguir esta instrução, então necessitaremos de tomar tempo a fim de planearmos para que estes queridos idosos lhes seja dada oportunidade de darem os seus conselhos. Necessitaremos de não apenas os envolvermos nas nossas várias actividades mas de lhes dar responsabilidades de acordo com a sua idade e capacidade. Deveríamos sempre fazê-los sentir-se bem-vindos no nosso meio.

Ellen White diz mais ainda: «Permiti que ... (os velhos) permaneçam entre amigos e associações familiares. Que eles prestem culto entre aqueles que eles têm conhecido e amado. Que eles sejam cuidados por mãos amorosas e ternas». (*Idem*).

Há uma bênção em seguir o conselho de Ellen White neste assunto. O cuidar dos idosos dá-nos uma «preciosa oportunidade de cooperar com Cristo no Seu ministério de misericórdia e de desenvolver traços de carácter como os d'Ele. ... Os jovens podem levar alegria aos corações e vidas dos idosos. Aqueles cujas raízes da vida se estão despreendendo necessitam do benéfico contacto com a esperançosa e buliçosa juventude. E os jovens podem ser ajudados pela sabedoria e experiência dos velhos. Acima de tudo, eles (os jovens) precisam de aprender a lição do ministério altruista. A presença de alguém em necessidade de simpatia, de bondade e de amor desinteressado haveria de ser para muitas famílias uma bênção incomensurável. Haveria de temperar e refinar a vida familiar, e apelar, tanto aos mais velhos como aos mais novos, a viverem uma vida mais de acordo com as graças semelhantes às de Cristo, que os tornaria belos em beleza divina e ricos nos imperecíveis tesouros celestiais.

«Ao colocar entre eles os desajudados (idosos)

... para ficarem sob o seu cuidado, Cristo prova os Seus professos seguidores. Pelo nosso amor e serviço pelos Seus filhos necessitados, provamos a genuinidade do nosso amor por Ele. *Negligenciá-los é declarar-nos falsos discípulos, estranhos para com Cristo e o Seu amor*. (Idem, págs. 204-205); (italico nosso).

Estas são palavras fortes da serva inspirada de Deus. Pode ser que tenhamos perdido uma bênção para nós mesmos, assim como para os nossos filhos, ao negligenciarmos os nossos cidadãos seniores em lares para os idosos?

Os nossos jovens assim como os membros mais velhos da família de Deus certamente que necessitam de mais do que atenção casual e passageira. Eles precisam de terno cuidado e estima e da nossa atenção cuidadosa para com os seus problemas únicos.

Ao considerarmos em oração estes assuntos,

possa Deus dar-nos a coragem para fazermos o que é recto acerca destes amados.

Perguntas para discussão

1. Deve a igreja dar prioridade em fazer bem àqueles que são da família da fé? Se sim, porquê?
2. Que significa genuína aceitação dos jovens e dos velhos? Inclui isso aqueles mesmos que divergem de nós nas suas atitudes e comportamento e aqueles que passam ser uma carga para nós?
3. Que práticas precisamos de mudar na nossa vida familiar a fim de melhorarmos a unidade da família?
4. Quais são as áreas em que podemos melhorar as nossas relações para com os nossos cidadãos seniores?
5. Que bênçãos temos perdido por negligenciarmos os nossos pais idosos?

Sábado, 12 de Dezembro

A família de Deus reunida

Neal C. Wilson

A meta Adventista é que todas as famílias sejam uma em Cristo, a fim de serem unidas com a família de Deus no céu e na terra.

«Eis que Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição.» (Mal. 4:5-6).

Esta séria, contudo gloriosa, descrição profética do amoroso propósito de Deus em restaurar e reunir os corações e as vidas dos membros das famílias, descreve também o lar cristão onde a mensagem de Elias tem sido cumprida. Descreve a situação familiar ideal e simboliza as relações familiares derradeiras que se tornarão realidade no lar celestial. É-nos feito lembrar «que o lar na terra deve ser um símbolo do lar celeste e uma preparação para o mesmo.» (*Ciência do Bom Viver*, pág. 363).



Neal C. Wilson
Presidente
da Conferência
Geral

Uma recta compreensão de valores

É irónico, e talvez até pareça cínico, afirmar que nunca como hoje os lares no mundo Ocidental foram tão confortáveis, agradavelmente decorados e atractivamente mobilados e contudo tão raramente desfrutados pelas famílias. Uma pessoa é levada a admirar-se de como irá ser possível ter lugar a conversão mútua dos corações dos pais e filhos uma vez que, como em muitos casos, raramente se vêem uns aos outros durante significativos períodos de tempo. Para alguns pode ser que a própria corrida aos assim chamados confortos do lar os leve por fim a aborrecer o gozo dessas boas coisas.

Ellen White observou: «A doce palavra 'lar' é pervertida para significar 'alguma coisa com quatro paredes, cheia com elegante mobília e adornos', enquanto que os seus moradores se encontram sob constante tensão para fazer face aos reclamos da moda nos diferentes sectores da vida.» (*O Lar Adventista*, pág. 151).

Alguns observadores predizem que a família, a base da sociedade como nós a conhecemos, desaparecerá por completo em algumas áreas num relativo curto espaço de tempo. Há, na verdade, muitas forças desintegradoras que despedaçam e destroem

as relações familiares. Os membros individuais da família parecem ser susceptíveis e por vezes parecem sucumbir a estas forças devido à perversão do sistema de valores. O engodo do materialismo mantém os pais e as mães numa corrida infundável a fim de adquirirem mais e «melhores» coisas de modo a atingirem o que alguns chamam «a vida boa». Os adultos parecem preocupados em procurar estar a par das «normas» numa sociedade altamente competitiva; as crianças e os jovens são sujeitos a uma forte pressão de vigilância a fim de irem mais longe, obterem mais, gozarem mais. A busca de prazeres num mundo cheio de entretenimentos produzidos profissional e superficialmente têm um poder magnético de atracção sobre os jovens e os adultos, igualmente, e usualmente deixa-os num estado emocional intoxicado e num estado mental irreal. Alguém observou que custa mais *divertir* uma criança hoje do que custou *educar* o seu pai.

O significado eterno da tarefa, e a evidente brevidade do tempo disponível para cumprir o propósito divino de preparar a família para o lar celestial, torna imperativo aos pais cristãos desenvolverem um verdadeiro sistema de valores cristãos. A mensagem inspirada de Deus admoesta: «Ensinaí as crianças ... que novos gostos devem ser criados, novos motivos inspirados. Eles precisam de ter a ajuda de Cristo.» (*Orientação da Criança*, pág. 515).

Por preceito e exemplo os pais devem demonstrar a espécie de lar singelo que deve caracterizar uma família que aguarda o iminente retorno de Jesus. «Os pais têm um dever sagrado a desempenhar ao ensinarem os seus filhos a ajudarem nas várias tarefas da casa, estarem contentes com comida boa e simples e com vestuário atraente mas não muito dispendioso. ... Oh, se pudéssemos estar satisfeitos com menos desejos acariciados no coração, menos lutas por coisas difíceis de obter algures para embelezar os nossos lares, enquanto que aquilo a que Deus atribui maior valor do que ao dos rubis, um espírito manso e quieto, não é acariciado. A graça da simplicidade, da mansidão e da verdadeira afeição fariam do lar mais humilde um paraíso.» (*Idem*, págs. 141-142).

Comunicação adequada

Os ministros, conselheiros matrimoniais e familiares, psicólogos pediátricos e sociologistas nos Estados Unidos concordam que uma multidão de famílias sofre duma inadequada comunicação.

Na maior parte dos casos isto é consequência da distorção de valores acima referida, com a demasiada ênfase nos tesouros e prazeres do mundo materialista. A preocupação com as coisas deixa pouco tempo para falar e escutar, que são ingredientes imperativos para se conhecerem realmente, respeitarem e apreciarem uns aos outros.

«'Falta de tempo', diz o pai 'não tenho tempo de dedicar-me à instrução dos meus filhos; não tenho tempo de dedicar-me a prazeres sociais domésticos'. ... Eis a afirmação de muitas mães: 'Não tenho tempo de estar com os meus filhos.'» (*O Lar Adventista*, pág. 191).

Pesquisas têm revelado que a inaptidão em corresponder torna-se intolerável para muitas crianças em amadurecimento e jovens. De acordo com estatísticas publicadas, milhares de jovens entre os 11 e os 17 anos de idade abandonam a casa paterna cada ano nos Estados Unidos. Devido a restrições culturais e sociológicas, este fenómeno trágico pode não ser típico de outras partes do mundo. Por outro lado, os mesmos anseios podem existir nos jovens em muitos lugares.

Os trabalhadores sociais que têm de lidar com este problema gigantesco de deslocação e que têm estudado cuidadosamente as relações de causa e efeito deste problema, declaram que a maioria das fugas que dilaceram os laços familiares e escolares são devidos à falta de comunicação com os pais, os companheiros ou os professores. Quando esta situação frustrante se torna insuportável, escolhem fugir, esperançados em encontrar alguém com quem possam ter ligação e gozar de congenialidade. As autoridades concordam bastante entre si de que ver televisão em excesso contribui para a maior parte desta falta de comunicação.

«Alguns pais não compreendem os seus filhos e não estão realmente familiarizados com eles. Há muitas vezes um grande distanciamento entre os pais e os filhos. Caso os pais penetrassem mais plenamente no sentimento dos filhos e verificassem o que lhes está no coração, isto exerceria sobre eles uma influência benéfica.» (*Idem*, pág. 190).

A mensageira do Senhor adverte que «se os filhos não encontram nos pais e no lar aquilo que lhes satisfaça o desejo que experimentam de afecto e companheirismo, voltam-se para outras fontes, onde tanto a mente como o carácter podem perigar.» (*Idem*, pág. 192). Como podemos permitir que periguem tanto o carácter como a mente daqueles a quem mais amamos?

O círculo mais alargado

Nesta altura desejo alargar o escopo da nossa preocupação. Não somos apenas responsáveis pelos nossos próprios filhos, mas somo-lo também por todos os jovens da igreja. Mesmo para além disto, devemos sentir uma solene responsabilidade e privilégio em nos tornarmos pais, irmãos e irmãs espirituais para com todos, jovens ou idosos, que estão dentro da esfera da nossa influência. Devemos orar e procurar ganhar para Cristo todos os que não estão preparados para a Sua segunda vinda. Cada ser humano por quem Ele morreu é-Lhe precioso e deve sê-lo para nós também. Embora devamos dar prioridade à nossa própria família, Jesus tem em mente um círculo muito mais alargado quando pergunta: «Onde está o rebanho que te foi confiado?» (Jer. 13:20; Nova Versão Inglesa).

Os psicólogos e sociólogos cristãos citam também a prevalecente manifestação de humanismo, com a sua preocupação com os outros e inadequada comunicação. É obvio aos observadores cuidadosos de que as atitudes correntes de «mim-ismo» se centralizam tanto no eu que outros, mesmo familiares chegados, são negligenciados e passados por al-

to com pouco ou nenhum esforço para trocas verbais. As relações tornam-se fracas onde existe esta situação.

A declaração seguinte é inestimável ao buscarmos atrair os nossos filhos e outros para a família espiritual de Deus: «Concedei algumas das vossas horas de lazer aos filhos; associai-vos com eles no trabalho e nos desportos, e ganhai-lhes a confiança. Cultivai a sua amizade. Dediquem os pais as noites às suas famílias. Ponham de lado os cuidados e perplexidades com os trabalhos do dia.» (*Idem*).

A boa comunicação é essencial para a saúde mental e a felicidade social no lar e na igreja e é, particularmente, importante que o conselho que Deus deu antigamente ao Seu povo seja sabiamente aplicado. Deuteronómio 6:3-9 contém o mandamento de Deus de comunicar diligentemente a Sua vontade expressa aos membros da família. As palavras indicam que esta comunicação deve estar integrada no total das actividades do dia. Estamos convictos de que as antigas intruções de Deus ao Seu povo são igualmente válidas na nossa sociedade.

Liberdade genuína

A verdadeira liberdade é a justa herança de todo o seguidor de Jesus, mas uma filosofia de vida que não reconhece nenhuma autoridade senão o eu, que detesta regulamentos e limitações, e que age sem domínio próprio é uma falsa liberdade e é contrária ao respeito do céu.

Ao falar do dever dos pais em preparar os seus filhos para a vida e seus deveres, Ellen White declara: «A primeira lição a ser-lhes ensinada é a do domínio próprio». (*Orientação da Criança*, pág. 91). É bom recordar que o domínio próprio é aprendido talvez tanto pelo exemplo como pelo preceito. Aqueles que devem exercer autoridade podem ganhar a confiança daqueles que estão sob a sua autoridade somente quando vivem uma vida digna de respeito ao respeitarem os outros. «Manifestai respeito pelos vossos filhos, e não lhes permitais preferir uma única palavra de desrespeito para convosco.» (*Idem*, pág. 98).

Integridade paternal consistente e prioritária

O autoritarismo absoluto não combaterá a falsa liberdade nem promoverá a verdadeira liberdade. A menos que nutramos nos jovens o desenvolvimento do pensamento, dos sentimentos de respeito próprio e de confiança nas suas próprias capacidades em realizar algo, produziremos uma classe de fracas em poder mental e moral. É essencial, portanto, que treinemos a nossa juventude a pensar e a agir por si mesmos dentro de regulamentos razoáveis e governados por princípios de auto-disciplina.

Os jovens sentem-se desapontados e desiludidos quando vêem práticas em adultos que denotam serem artificiais, irrealis, inconsistentes, ou hipócritas. «É porque tantos pais e professores professam crer a Palavra de Deus enquanto que as suas vidas negam o poder da mesma, que o ensino da Escritura não tem grande efeito sobre a juventude. Por ver-

zes os jovens são levados a sentir o poder da Palavra. Contemplam a preciosidade do amor de Cristo. Contemplam a beleza do Seu carácter, as possibilidades duma vida entregue ao Seu serviço. Mas em contrapartida contemplam a vida daqueles que professam reverenciar os preceitos de Deus.» (*Idem*, pág. 218).

A experiência religiosa que leva à salvação não é uma responsabilidade que possa ser delegada por procuração ou substituição. Deve dar-se prioridade a esta obra sagrada e não pode com segurança ser atribuída a outros agentes ou agências.

Satanás desejaria poder enganar os nossos jovens e retê-los cativos tão verdadeiramente como o fez com os filhos de Israel em Babilónia. Mas a promessa de Deus aos pais então como agora é inequívoca: «Mas assim diz o Senhor: Por certo que os presos se tirarão ao valente, e a presa do tirano escapará; porque eu contenderei com os que contendem contigo, e os teus filhos eu remirei». (Isa. 49:25).

Uma grande família feliz

Manter as famílias unidas em preparação para o breve retorno de Jesus é uma terrível, mas compensadora, tarefa. Ter êxito nessa tarefa é uma das metas mais gloriosas. A maravilhosa verdade acerca disto é que Deus fez provisão para que tais esforços sejam bem sucedidos.

Podemos semear em lágrimas e no meio de muitos desencorajamentos, mas se com oração fervorosa semearmos ao lado de todas as águas, tal sementeira não será em vão.

No desempenho do vosso trabalho pelos vossos filhos apegai-vos à poderosa força de Deus. Encomendai os vossos filhos ao Senhor em oração. Trabalhai por eles fervente e incansavelmente. Deus ouvirá as vossas orações e os atrairá a Si. Então no último grande dia, podeis trazê-los a Deus, dizendo: 'Eis-me aqui, com os filhos que me deu o Senhor.' (*O Lar Adventista*, pág. 536).

Deveria inspirar em cada cristão um sentimento de alegria solene o saber que o grande dia de que fala Ellen White não está longe. Essa é a razão por que renovei uma vez mais o meu apelo, feito na sessão da Conferência Geral em Dallas, a fim de que façamos da Sexta-feira à noite, a Noite da Família, quer o lar seja composto por vários membros ou apenas por um indivíduo. Estou convicto de que isso se tornaria numa fonte de invencível força espiritual para cada pessoa envolvida e para com toda a igreja ao testemunharmos ao mundo e persuadirmos muitos a juntarem-se a nós a fim de nos prepararmos para a breve vinda de nosso Senhor. Renovai o vosso concerto com o Salvador e uns com os outros esta próxima Sexta-feira à noite e cada Sexta-feira à noite até que Jesus volte para nos reunir juntos para a maior reunião da família jamais levada a efeito.

A Bíblia descreve as glórias físicas e os benefícios da vida futura, os quais são maravilhosos. Mas os portões de pérolas, as ruas de ouro, as mansões fabulosas, e as outras muitas coisas reais prometi-

das parecerão como nada comparadas com os valores eternos das relações com Deus o Pai; com o nosso Salvador; com o Espírito Santo; com os anjos; com os santos de cada tribo, nação, língua e povo; e *com as nossas famílias*.

Enquanto esperamos esforcemo-nos por compreender e ser compreendidos. A melhor comunicação humana parece falha e inadequada. Interpretamos mal os motivos e julgamos mal as acções. Mas quando Jesus vier aprenderemos o que significa realmente comunicar. «Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido». (I Cor. 13:12).

Não haverá mais personalidades despedaçadas, famílias destroçadas ou comunicação desfeita. A verdade e a integridade serão universais. A integração física, mental, social e espiritual fará do céu e da eternidade um perfeito cumprimento.

A dor física, a ansiedade mental, a tensão emocional e a inquietação espiritual tornam a existência miserável para milhões de pessoas hoje em dia. No amanhã de Deus todas as formas de sofrimento terão passado. Os sentimentos de culpa, que são os mais difíceis de suportar, terão sido deixados para trás, apagados no registo do penitente pela admirá-

vel graça de Deus em Cristo Jesus. «E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas». (Apoc. 21:4).

Jesus vai voltar — muito em breve. O objectivo é *famílias perfeitas*, tornadas *perfeitas* em Cristo, unidas com *toda a família de Deus* no céu e na terra. Chegou o tempo para a reunião da família de todos os séculos.

Perguntas para discussão

1. Quais são as principais barreiras de comunicação na família?
2. Que ideias podem ser sugeridas para melhorarem a comunicação?
3. Que actividades podem ser usadas para fazer da Sexta-Feira à noite uma verdadeira Noite da Família?
4. Como podem os pais solteiros preencher o plano divino para as famílias cristãs?
5. Como poderá ser controlada a Televisão de maneira que não enfraqueça os laços da família?
6. Como poderemos promover o alimento espiritual entre os membros adolescentes da família?

A Oferta da Semana de Oração e Sacrifício é levantada hoje

MOTIVO DE ORAÇÃO

Nosso Trabalho na Hungria

A denominação nesse país está a atravessar um momento difícil e necessita das nossas orações de intercepção para que se restaure a unidade dos crentes Adventistas do Sétimo Dia nesse país.

CALENDÁRIO DAS ACTIVIDADES PARA O MÊS DE OUTUBRO DE 1981

- 10 — Dia das Visitas da Escola Sabatina
- 10 — Evangelização da Vizinhança
- 18 — Dia e oferta em favor da Temperança.
- 24-31 — Semana de Extensão Missionária

Semana de Oração das Crianças

Kay Kuzman

Kay Kuzman
Professora assistente de Ciências sobre Saúde na Universidade de Loma Linda. Mãe de 3 crianças, dirige seminários sobre paternidade e é autora de 11 livros



A Família de Deus

Para os Pais, professores, e dirigentes: Ninguém sabe o que foi dito quando Deus o Pai e Deus o Filho planejaram a criação do homem. Ninguém sabe o que os anjos conversaram entre si ao contemplarem o grande conflito. Mas nós bem sabemos que o grande conflito ocorreu e está prestes a terminar. Nós bem conhecemos os resultados envolvidos e que Cristo se sacrificou a Si mesmo pela Sua família errante de modo que um dia possamos viver com Deus, como Ele planeou no começo.

A fim de que as crianças escolham tornar-se membros da família de Deus precisam de compreender o que significa essa escolha. Precisam de compreender que ninguém mais pode fazer esta escolha por elas. É da sua responsabilidade escolher a vida ou a morte.

Encorajai as crianças a perguntar: «Aconteceu isto na verdade?» Talvez tenhais de dizer, «A Bíblia não nos diz o que foi dito ou feito, mas sabemos que foi...» Falai-lhe acerca dos factos que nos têm sido dados.

Fazei perguntas sérias e que as faça pensar, e encorajai as crianças a buscarem as respostas nas suas Bíblias. Por exemplo: «Como vos sentiríeis vós se fosseis anjos e observásseis Jesus a ser ferido e crucificado na terra? Como pensais vós se sentiu Jesus quando as pessoas que Ele havia criado O começaram a cravar na cruz? Pensais vós que isso O magoou? O que diz a Bíblia que Ele disse? Buscai a resposta na Bíblia e lede-a. O que pensais diríeis vós se alguém vos fizesse isso a vós? Jesus veio para nos mostrar como viver aqui na terra de modo que possamos viver com Ele no Céu. Pensais que é possível viver como Ele viveu? Porquê?

O objectivo destas histórias é encorajar as crianças a escolherem desejar fazer parte da família de Deus no céu. Elas devem compreender que esta não é uma decisão de um momento, mas diária, de momento a momento, acerca de como viver as suas vidas. São as pequenas escolhas que fazem que determinam finalmente se escolhem a vida ou a morte.

Primeiro dia

No Começo

Um dia Deus o Pai disse ao Seu Filho, Jesus, «Criemos uma família especial».

«Isso é uma ideia maravilhosa», disse Jesus.

«Que espécie de família?»

«Bem», respondeu Deus o Pai, «estava a pensar numa família especial, uma família para gozar e amar — uma família semelhante a Nós.»

«Sim, Eu gostaria de criar outra família para amar e gozar», disse Jesus.

«Podemos criá-la à Nossa imagem. Isto é, serão semelhantes a Nós mas não realmente Nós», acrescentou Deus.

«Está bem», disse Jesus.

«Embora cada um dos seres humanos se pareça exactamente Connosco — não poderia ser Nós. Somente Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo podem ser Deus. E Nós três somos Deus porque sempre temos existido — não houve qualquer começo connosco. Ninguém jamais nos criou.»

«É verdade», disse Deus o Pai. «Nenhum ser criado pode jamais ser Deus. E,» acrescentou Deus, «se fizéssemos todas as pessoas exactamente iguais seria depois difícil às pessoas se diferenciarem umas das outras.»

«Nós desejamos, então, que cada membro desta nova família seja diferente mas ser como nós em ca-

rácter — na maneira em como nós amamos um ao outro, não é verdade?» acrescentou Jesus.

«Sim, é o que tenho estado a pensar,» disse Deus o Pai. «E além disso, há algo de especial em que eles serão semelhantes a nós e que os anjos o não são.»

«Os anjos podem comer, dormir; rir e chorar; andar — e voar, mas — mas não podem criar. Eles não podem criar mais anjos.»

«É absolutamente verdade. E não seria maravilhoso se esta nova família humana pudesse experimentar a alegria de criar outros membros da família?»

«É realmente uma ideia excitante,» exclamou Jesus, «Poderíamos criar seres humanos para viverem em famílias como Nós três — tão chegados que estamos em perfeita harmonia, embora sejamos três.»

«Sim, poderíamos criar duas espécies de seres humanos, macho e fêmea, que se amem mutuamente de maneira especial. Assim poderiam estabelecer pequenas famílias, e devido ao seu amor poderiam reproduzir pequenos seres humanos que cresceriam, estabeleceriam novas famílias e criariam outros pequenos seres humanos.»

«Então os seres humanos mais velhos, o pai e a mãe, poderiam ensinar os filhinhos acerca de Nós ao se amarem tanto que os dois se tornariam em um — tal como Nós três somos um no que desejamos fazer ou propósito ou em como pensamos, sentimos e agimos (carácter).»

«É um plano maravilhoso! Mas apenas dará certo se tiverem o nosso amor nos seus corações,» acrescentou Deus o Pai.

«Estou ansioso por começar» disse Jesus. «Gosto imenso de criar. Acima de tudo anseio amar a cada um deles. E não será maravilhoso partilhar a sua alegria ao nascer um novo ser humano?»

«Eles serão Meus filhos e filhas,» disse o Pai.

«E Meus irmãos e irmãs,» disse Jesus.

«E o Nosso Espírito será com Eles em cada minuto do dia.»

«Que feliz família haveremos de ser!»

E assim, no começo, Deus criou a família humana para ser uma parte muito especial da Sua família.

Não estais vós contentes por fazerdes parte da família de Deus?

Segundo dia

Problemas na família de Deus

As notícias espalharam-se rapidamente.

«Já ouviste? não é excitante? Deus o Pai e Deus o Filho estão a planear criar uma nova família.»

«Hum! Uma nova família! Seres humanos, dizeis vós. Não anjos? Estas são notícias fantásticas! Dificilmente posso esperar para ver a expressão da face de Lúcifer quando ele ouvir as boas novas.»

E assim se espalharam as notícias através de todo o Céu, por meio das fileiras dos anjos, desde a base ao cimo.

«Absurdo!» objectou Lúcifer quando ouviu as boas novas. «Não pode ser! Eu sou a cabeça da família angélica. Eu fui o primeiro ser criado por Deus. Eu sento-me ao lado de Deus no Seu trono. Sou o mais formoso, mais inteligente, mais esperto de todos os anjos. Se este falatório barato fosse verdade, eu teria tido conhecimento. Eu —»

«Mas é verdade, Lúcifer. Nós ouvimos as notícias em primeira mão.»

«Não pode ser!» declarou Lúcifer. «Sou sempre consultado primeiramente. Sou o mensageiro número um de Deus. Se fosse verdade seria eu o primeiro a anunciar-vos, e não vós a mim. Fora convosco — sois bisbilhoteiros!»

Com asas pendentes e com tristeza os anjos deixaram a presença de Lúcifer. Mas a conversa continuou, e todos estavam contentes com os novos planos — todos excepto Lúcifer.

«Porque razão não me consultou Deus?» interpelou ele com mau humor. «Não está certo. Como ousou Deus falar apenas com o Seu Filho Jesus! Eu também sou filho de Deus. Sou o primeiro filho criado. Se o Filho de Deus Jesus pode ajudar e participar nos planos, porque não posso eu também? Sou tão bom como Ele. De facto, sou até melhor!»

«Que pensais sobre isto?» perguntou Lúcifer aos seus amigos. «Não pensais que sou um importante anjo formoso?»

«Bem, sim,» admitiram eles.

«De facto, não me considerais todos vós o melhor anjo de todos — o mensageiro número um de Deus? O poderoso príncipe dos anjos?»

«Sim» abanaram eles as suas cabeças.

«Então podereis imaginar o facto de Deus não me ter consultado acerca dessa família humana que Ele está a planear criar?»

«Bem, não,» admitiram eles.

«Não diríeis vós que Deus é injusto ao planear tudo isto com o Seu Filho Jesus e nem sequer nos respeitou, a nós anjos, o suficiente para nos consultar? Vede, Deus está a planear criar outra família e nem sequer consultou a família angelical — a Sua primeira família — se nós aprovávamos ou não.»

«Parece injusto,» concordaram os anjos.

«Digo-vos,» continuou Lúcifer, «isto é muito

sério. Eu penso que Deus não nos ama realmente. Tudo o que Ele deseja de nós é trabalhar, trabalhar, trabalhar. Levantar uma mensagem aqui e outra ali. É um trabalho árduo. E a recompensa por todo este trabalho — nem sequer nos ter consultado se nós desejávamos outra família ou não!»

«Então porque devemos de obedecer a todos estes regulamentos? Faremos os nossos próprios regulamentos, e mostraremos então a Deus que não nos pode forçar como Ele quer,» sugeriu Lúcifer.

«Ele não nos pode considerar autómatos Seus!» bradaram os amigos de Lúcifer.

«E Deus o Pai faria melhor em consultar-me antes de prosseguir com os Seus planos,» declarou Lúcifer.

«Certamente! Vamos mostrar a Deus que estamos dispostos para a acção.» E depois de terem pensado durante muito tempo acerca do assunto decidiram revoltar-se.

«Não vos revolteis,» apelou Deus. «Eu amo-vos.»

«Eu também vos amo» disse Jesus. «Vós sempre

sereis a nossa família especial. O nosso amor por vós não mudará em virtude de criarmos outra família.»

«Porquê não fui consultado?» disputou Lúcifer.

«Porque,» respondeu Deus amavelmente, «tu não és Deus. Eu criei-te. E nenhum ser criado pode jamais ser Deus.»

«Eu posso,» vociferou Lúcifer desafiadoramente. «Eu desejo fazer os meus próprios regulamentos. E,» continuou ele ao acenar para os seus amigos, «todos vós anjos que desejaríam fazer os vossos próprios regulamentos, segui-me.»

«Lúcifer olhou uma vez mais ameaçadoramente para Deus, «Irei dar-te uma lição, Deus. Se prosseguires e criares essa família humana que estás a planejar, eles revoltar-se-ão contra Ti. Eu buscarei certificar-me disso.»

Então Lúcifer voltou-se de Deus, e com um terço da família dos anjos deixou o céu.

E Deus chorou porque amava a Sua família angelical.

Terceiro dia

A Criação

Deus o Pai e o Seu Filho continuaram os planos de criar a família humana especial. Porque amavam as pessoas dessa família, desejariam criar um lugar perfeito para elas viverem. Um lugar com luz e montes, montanhas, ribeiros, e mares.

Deus desejava que tivessem árvores e flores, bananas deliciosas, nozes e melancias.

Deus sabia que os Seus filhos iriam gostar do sol, da lua, e das inumeráveis estrelas cintilantes.

Mas os planos de Deus não estavam ainda completos. «Eu penso que os meninos que irão nascer haveriam de gostar de cachorrinhos — e de gatinhos — e talvez de rãs a saltar. E Eu sei que as meninas haveriam de gostar de ter cavalinhos para cavalgarem. E de borboletas.» Deus sorriu. «Posso imaginar esses pequeninos a brincar de perto com eles como as borboletas a esvoaçar aqui e além. Eles devem também ter girafas, elefantes, leões, papagaios, peixes dourados e...»

«E,» acrescentou Jesus, «colocaremos todas estas coisas maravilhosas no jardim mais belo do mundo. Chamaremos a esse lar especial Éden.»

«Eu irei passear com a família humana todos os dias,» disse Deus o Pai. «Que prazer e alegria teremos juntos!»

Deste modo continuaram os planos e os anjos fiéis dificilmente podiam esperar pela sua concretização. Mas todo o céu estava preocupado acerca duma

coisa. Havia uma mancha perturbadora no reino perfeito de Deus. Era Lúcifer e os seus amigos os anjos maus. Iriam eles alterar todos estes planos perfeitos?

«Desembarcem-se deles,» apelaram os anjos bosn. «Não é bom permitir que fiquem aqui por perto. Eles arruinarão tudo.»

«Não posso destruí-los,» explicou Deus. «Cada pessoa na Minha família deve fazer a sua própria escolha se me quer seguir a Mim ou seguir a Lúcifer. Se Eu matasse Lúcifer e os seus anjos agora, então a Minha família seguir-me-ia por temor. Não quero isso.»

«Que acontecerá se a nova família humana escolher obedecer a Lúcifer?» perguntaram os anjos.

«Infelizmente, terão de morrer,» respondeu Jesus, enquanto a sua voz estremecia. «Tudo o que tiver vida na terra morrerá.»

«Quer isso dizer que as árvores e as flores, os pássaros e os peixes, todos os animais, e ...e a família humana terão todos de morrer?»

«Sim,» disse Deus, «o salário do pecado é a morte.»

«Então é melhor avisá-los! apelaram os anjos. Dizei-lhes que não ouçam Lúcifer. E por favor não permitais que Lúcifer os rodeie. O seu murmúrio constante, seria um incómodo terrível. Ninguém sequer teria tempo para gozar o belo jardim do Éden com ele à sua volta para espalhar todas as suas mentiras.»

«Faremos isso,» disse Deus. «Mas devemos dar liberdade à nova família de escolher obedecer-Nos ou não.»

«Amamos tanto a nossa família que não os podemos forçar a obedecer,» acrescentou Jesus.

E assim com os planos para a nova família completos, Deus iniciou a Criação. Deus falou e houve luz, terra, mares, plantas, sol, lua, estrelas, peixes, pássaros e animais.

E quando tudo estava pronto Deus criou Adão e Eva — as primeiras pessoas da família humana. Deus passeava e falava com eles, Deus avisou-os acer-

ca de Lúcifer. Advertiu-os a não se aproximarem da árvore de Lúcifer. Disse-lhes para não conversarem com Lúcifer. Disse-lhes que se escolhessem amar e obedecer a Deus, então viveriam para sempre. Mas se escolhessem obedecer a Lúcifer, então teriam de morrer.

Deus amou-os de tal maneira que os deixou fazer a escolha da vida ou da morte.

E a família especial de Deus escolheu a morte.

Vós também tendes uma escolha a fazer. Que escolhereis vós?

Quarto dia

O plano de Deus para a Sua família

«Eles desobedeceram! Eles desobedeceram!» Foi o grito que encheu o céu. «A família especial de Deus desobedeceu. Escutaram Satanás. Creram nas mentiras de Lúcifer. Fizeram o que Lúcifer disse, e agora vão morrer. Tudo na terra morrerá. Adão e Eva escolheram a morte em vez da vida. Como podiam eles fazer uma tal coisa?»

«Não sei,» disse Deus o Pai tristemente. «Não há qualquer desculpa para a desobediência. Não há qualquer desculpa para o pecado.»

«Deus avisou-os acerca das consequências, disse Jesus, «e eles escolheram não crer n'Ele. Em vez disso creram nas mentiras de Lúcifer.»

«Mas, Deus, Adão e Eva são a tua família especial, a família que planeaste durante tanto tempo. Como podes deixá-los sozinhos agora? Como podes permanecer indiferente e deixá-los morrer? Deves fazer alguma coisa. Não podes dar-lhes uma segunda oportunidade? Por favor,» pleitearam os anjos.

«Temos um plano,» disse Deus. «No próprio começo, antes da Criação, fizemos um plano no caso disto acontecer. Mas Nós esperávamos nunca ter tido a necessidade de o por em prática.»

«Um plano! Um plano! Oh bom, há um plano! Dizei-nos o que é isso. Desejamos saber. Não conseguimos aguardar pela resposta, pois estamos ansiosos por saber. Como ireis salvar esta família especial da morte que escolheram?»

Jesus olhou para os anjos que Ele tanto amava. A sua voz tornou-se muito emotiva. Engoliu com dificuldade e disse: «Eu morrerei por eles.»

«Mas Tu não podes,» responderam os anjos. «Tu és Deus, o único Filho de Deus não criado. Nunca! Nunca! Nunca permitiremos que isso aconteça. Nós amamos-Te muito. Permite que morra um de nós. Morramos todos nós. Mas não Tu, Jesus.»

«É a única solução,» suspirou Deus ao limpar uma lágrima de uma das Suas faces. «Temos dispen-

dido horas e dias a pensar em cada possibilidade. Se houvesse outra solução tê-la-íamos certamente escolhido. O pensamento do Meu Filho Jesus a morrer é quase insuportável para Mim.»

«Porquê? Porquê não podemos nós morrer por Adão e Eva?» perguntaram os anjos.

«Porque,» explicou Deus, «VÓS NÃO SOIS Deus. Os seres criados nunca se podem tornar Deus — nem podem tomar o lugar de Deus.»

«Como vedes,» disse Jesus, «Adão e Eva quebraram a lei de Deus. O resultado de quebrar esta lei é a morte. Assim como o amor de Deus jamais muda, também a Sua lei jamais pode mudar. Permitir que o pecado vivesse para sempre, não seria, a longo prazo a coisa amorosa a fazer. Não podemos mudar as consequências.»

«Mas,» continuou Deus, «nada Nos impede de tomar o lugar desta família especial e morrer por ela. Somente uma pessoa que tenha vivido uma vida sempre perfeita tem o direito de viver uma vida para sempre. E nenhum ser humano o pode jamais fazer agora. Havia uma oportunidade quando Lúcifer estava confinado a uma árvore. Mas agora Lúcifer — esse Satanás em quem se tornou Lúcifer — ganhou o direito de reclamar a terra como seu território. Não o podemos manter mais na sua árvore. Ele tentará cada ser humano que nascer na terra. E Ele tornar-se-á tão subtil nas suas mentiras que mesmo o melhor da Minha família especial será enganado e por vezes escolherá segui-lo.»

«Por conseguinte,» disse Jesus, «a única maneira de evitar a morte eterna é que Eu morra a morte que a família humana merece. Então todos aqueles que Me amem e lamentem os seus erros terão uma segunda oportunidade.»

«Esta é a maneira como opera o Nosso plano. Se Eu viver uma vida perfeita, então Satanás não Me poderá reclamar quando Eu morrer, e o Meu Pai po-

derá ressuscitar-Me. É arriscado. Mas é a única esperança que a família humana tem. É a única maneira que ela ainda tem para escolher ser parte da Minha família.»

«Se o plano for bem sucedido, então Satanás perderá o seu reclamo sobre a terra que Eu criei. E Eu terei o direito de trazer de volta para casa a Minha família humana para viver para sempre comigo.»

«Quando acontecerá isso? Como? Onde? perguntaram os anjos.

«Numa ocasião especial,» explicou Jesus, «Eu irei para a terra para viver no seio da Minha família

humana. Mostrar-lhes-ei como viver com êxito na terra.»

«Mas tu não podes! Tu não podes,» exclamaram os anjos. «É o território de Satanás. Ele tentar-te-á mais do que a qualquer outra pessoa antes. Ele tornar-Te-á a vida muito difícil e miserável. Tu sabes o quanto ele te odeia. Ele matar-Te-á. Não Te podemos deixar ir.»

«Não há outra solução,» respondeu Deus. «Para que a família humana possa continuar a viver, Deus precisa de morrer.»

E assim a família especial que deveria ter trazido a Deus a maior alegria, trouxe-Lhe a maior tristeza.

Quinto dia

Jesus o Filho do homem

Eram zero horas — a hora que Jesus, o Filho de Deus, devia nascer como um Filho da família humana — o Filho do homem.

«Podeis imaginar quão abençoada vai ser a família humana?» exclamou o anjo guardião para o seu anjo amigo. «Nunca, jamais, através de todos os epos da história nasceu Deus no seio duma família.»

«Os seres humanos devem sentir-se muito orgulhosos por poderem dar as boas-vindas a Jesus, o único Filho de Deus não criado,» concordou o seu amigo. «Ouço que os pais escolhidos estão agora mesmo no caminho para Belém, o lugar onde Jesus deve nascer. A cidade terá provavelmente desenrolado a tapete vermelha de Boas-vindas e a banda de boas-vindas estará certamente pronta para tocar.»

«E eu espero que o melhor quarto do primeiro andar do hotel tenha já sido reservado para a Sua permanência ali — e o presidente do município estender-Lhe-á certamente as chaves da cidade e, e...»

Maria e José estavam empoeirados, cansados, e esfomeados quando chegaram a Belém.

Mas não havia qualquer tapete vermelha desenrolado para as boas-vindas, nem nenhuma banda de boas-vindas, e nenhum lugar para ficarem. Por conseguinte, Jesus, o Filho de Deus, nasceu num estábulo.

«Porque estás tão triste?»

«Se te dissesse a verdade jamais acreditarias!» disse o anjo guardião.

«Experimenta-me,» disse o seu amigo «pois estou curioso em saber.»

«Bem,» disse o anjo guardião, procurando explicar, «foi a minha vez em ajudar a guardar Jesus. E tenho estado a aguardar este dever durante semanas.. É um grande prazer estar perto de Jesus, embora Ele ainda seja uma criança e esteja a aprender acerca de nós anjos. Haveríeis de ver os Seus olhos bem abertos cada vez que a Sua mãe Lhe fala acerca de como Gabriel veio a ela e lhe disse que iria ter um filho. Ainda

antes de ela terminar, Ele diz: Conta-Me outra vez! Conta-me outra vez, mamã! Ele gosta de cantar e gosta de aprender a ler o Santo Livro de Deus. Ele aprende bem tudo o que a Sua mãe Lhe ensina — Ele é um belo rapazinho! E Ele está a crescer como uma plantinha.»

«Muito bem, muito bem,» disse o anjo amigo. «Eu amo ouvir falar de Jesus, mas o que tem isso a haver com o estares triste?»

«Bem, sabes, eu estava a cumprir o meu dever em guardar Jesus quando Ele começou a afagar um cordeirinho dum rebanho do vizinho. De repente os filhos do vizinho começaram a chamar nomes terríveis a Jesus e a apedrejá-l'O e...»

«E tu protegeste-O a fim de que não O ferissem, não é verdade?»

«Sim, é verdade. Mas podes imaginar aquelas crianças humanas a tratarem Jesus daquela maneira?» perguntou o anjo. «Isso fez-me ficar muito triste.»

«As crianças não sabem mais. Estou certo que quando Jesus crescer e as pessoas souberem quem Ele é, trata-l'O-ão com o amor e respeito que Ele merece,» reafirmou o seu amigo.

Jesus cresceu. Disse adeus à Sua mãe e disse: «Tenho de fazer a obra de Meu Pai.» Ele precisava de ajudantes, de maneira que disse a André, a Pedro, a Tiago e a João: «Deixai as vossas redes e vinde, segui-Me.» Eles O seguiram e disseram a outros e em breve Jesus tinha doze ajudantes e muitos seguidores.

Aonde quer que Jesus fosse ajudava as pessoas, curava-as e ensinava-as a melhor maneira de viver. «Amai às pessoas que vós considerais desprezíveis. Se alguém vos bater, não retruqueis batendo também. Se vos pedirem para carregar alguma coisa por uma milha ofereci-vos para a carregar duas milhas. Não vos mostreis quando fazeis uma oferta. Não compreis

muitas coisas, mas usai o vosso dinheiro para ajudar pessoas a conhecerem e a aprenderem acerca de Deus Não julgueis ninguém — pois podereis ser piores do que essas pessoas a quem julgais. Não vos preocupeis acerca do dia de amanhã. Se Deus cuida dos passarinhos também cuidará de vós. Ide e fazei o bem; sede bons e vos serão perdoados os pecados.»

Mas algumas pessoas não desejavam fazer o que Ele dizia. «Ninguém nos pode ensinar o que devemos fazer! Porque havemos de obedecer-Lhe? Desejamos fazer os nossos próprios regulamentos. Quem pensa Ele ser, ao perdoar os pecados das pessoas? Pensa Ele ser Deus. Nós Lhe mostraremos uma coisa ou duas.»

Sexto dia

A família reunida

O tempo passou. A família humana, na sua maioria, esqueceu que Jesus viveu no seu meio. Alguns nunca o souberam. Outros nem sequer se preocupam com isso. Mas sempre uns poucos da família especial de Deus se preocuparam. Esses poucos amavam a Deus mais do que qualquer outra coisa na Terra. Obedeceram às leis de Deus e guardaram o Seu Santo Sábado. Amavam todas as pessoas — até pessoas que eram más para eles. Estudavam o Santo Livro de Deus, aprendiam de cor os versículos áureos, e falavam diariamente com Deus — algumas vezes o dia inteiro — em oração. Disseram a outros acerca de como Deus os criara, acerca da vida de Deus na Terra, da Sua morte e ressurreição. E Eles creram na promessa de Deus de voltar a viver com Ele no céu.

O tempo passou. O céu esteve em grande actividade. A família angelical estava apressada de um lugar para o outro, com energia e azáfama.

Um anjo que estivera ausente durante algum tempo numa missão de serviço abanou a sua cabeça quando viu quão ocupados todos estavam. «O que se passa aqui?» perguntou ele.

«Não sabes? Não temos muito mais tempo,» respondeu Gabriel enquanto acabava de plantar uma roseira dourada em frente duma mansão de prata.

«Ali,» disse ele, enquanto sacudia o solo faiscante das suas mãos «a Eugénia terá a sua rosa de ouro puro. Ela sempre desejou possuir uma. E eu não a poderei desapontar. Todos os anjos tinham o seu último trabalho a fazer, de modo que eu fiquei a dar mais alguns retoques — exactamente para me certificar que tudo está perfeito.»

«Estou a dirigir-me agora para a mansão do Fernando. Ele pediu alguns leões e tigres e uma trompeta de ouro e prata. Queres seguir-me e ajudar-me?»

«Sim, certamente,» disse o anjo. «Eu ficarei também contente. Mas enquanto trabalhamos, por favor explica-me — porquê toda esta pressa?»

De modo que finalmente prenderam a Jesus. Amarraram-n'O com cordas. Cuspiram-Lhe na cara. Chamaram-Lhe nomes feios. «Ah, ah, ah, Rei dos Judeus,» ridicularizavam eles. Bateram-Lhe até ferirem e fazerem sangrar as Suas costas. Depois tomaram um martelo e pregaram as mãos e os pés de Jesus a uma cruz.

Jesus orou: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.»

E depois Jesus morreu. A família humana especial de Deus matou-O.

«Como puderam fazer uma tal coisa?» Os anjos abanaram as suas cabeças e choraram.

«Não ouviste? O tempo concedido à terra já quase terminou. Jesus terminou a Sua obra no santuário. Ele considerou e passou em revista todo o nome humano desde Adão e Eva e riscou do livro da vida aqueles que escolheram a morte. Agora fechou o livro, e estamos a certificar-nos de que haja um lugar especial preparado para cada pessoa cujo nome está no livro da vida.»

«Nunca tive tanta alegria na minha vida,» disse Gabriel. «Anseio poder ver a face de Timóteo quando ele vir que não tenho um halo. Mas eu poli um que ele pediu e tenho um extra para mim para usar quando estivermos juntos.»

«Não quero que ninguém fique desapontado quando chegar ao céu. Temos esperado durante bastante tempo para trazer de volta ao lar a criada família humana especial de Deus.»

«Lembras-te do pequeno pôtro branco que a Alda queria?» perguntou o anjo.

«Sim, ele está a comer erva atrás da sua mansão.»

«E lembras-te daquele quarto extra na mansão do Daniel de modo que o Carlos tenha um quarto só para si ... e o vestido de veludo que a Isabel queria para a sua mãe ... e um barquinho de borracha para o Miguel? Sabes que ele sempre desejou flutuar pelo rio da vida abaixo.»

«Sim, sim. Tudo está preparado,» respondeu Gabriel. Tudo está pronto.»

E então Deus anunciou o dia, a hora e o minuto exacto da sua vinda à terra para vir buscar a Sua família especial.

«Exactamente,» segredaram os anjos. «Durante 6.000 anos isto é o que o Universo tem estado a aguardar.»

Todo o céu ficou em silêncio.

E Deus falou novamente: «Está feito.»

(Continua na página seguinte)

As trombetas soaram.

A família angélica cantou de alegria.

Jesus moveu-se através do espaço num carro glorioso formado por anjos. E enquanto a família humana olhava para o céu, ouviram-n'O dizer: «Vinde, estai comigo.»

E a família especial de Deus que Ele criou para amar e gozar, foi por fim para o lar para viver com Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo, para sempre e sempre.

Eu desejo fazer parte dessa família de Deus. E tu?

NEAL C. WILSON

Uma Mensagem do Presidente da Conferência Geral

As mensagens da semana de oração deste ano focarão diversos aspectos da família de Deus — a Sua relação para conosco e a nossa para com Ele; as nossas relações uns com os outros na comunidade da igreja e nas famílias da vizinhança; e a reunião final e completa da família de Deus no Céu.

Nós sentimos que este tema era particularmente importante à luz da fragmentação predominante em cada aspecto da sociedade de hoje. Quando o pecado trouxe a separação entre Deus e os Seus filhos humanos trouxe também a separação entre os indivíduos. Deus pediu ao Seu remanescente em todas as épocas para serem reparadores das roturas; para anunciarem às pessoas, que ainda não tivessem ouvido, acerca de Deus buscar salvar os Seus filhos e que não mais precisam de estar separados d'Ele; para demonstrarem que a cura da brecha entre Deus e as pessoas também cura a brecha entre as pessoas.

Nós necessitamos de, com a ajuda do Espírito Santo, examinar as nossas relações uns com os outros. Que se passa nos nossos lares? Estão o marido e a esposa, os filhos, e os parentes mais velhos a receber o apoio, amor e respeito que necessitam para serem indivíduos felizes e bem ajustados? São os nossos lares o «Céu na terra» que devem ser?

O que se passa na nossa igreja? Estamos nós a prover um ambiente nutritivo para cada membro, especialmente para os membros — solteiros, viúvos, divorciados, aqueles que provêm de lares divididos ou não-adventistas — que precisam de depender da igreja para tomar o lugar de lares que foram destinados a providenciar cuidados necessários e amorosa atenção? Estamos nós a utilizar os talentos dos membros? Trabalhamos nós em harmonia? Demonstramos nós verdadeira afeição cristã uns pelos outros?

Finalmente, como está a nossa relação com Deus? Ansiamos nós fazer a Sua vontade e estudar e orar para descobrir essa vontade? Escutamos nós a Sua voz e buscamos a Sua direcção? Ansiamos encontrar-nos com o nosso Salvador face a face e trabalhamos para apressar o dia da Sua vinda?

Creio que estes são alguns desafios importantes que os nossos lares e a igreja enfrentam nestes dias difíceis da história terrestre. Creio também que uma das maneiras de alcançar êxito ao enfrentarmos estes desafios é através da comunicação uns com os outros. Usualmente achamos difícil compreender mal ou desconfiar de alguém que conhecemos. Cristo veio à terra para se comunicar pessoalmente com a família humana; Ele confirmou os ensinamentos e o carácter de Deus tal como estão revelados na sua Palavra escrita, a Bíblia, e posteriormente comunicou-Se conosco através da Sua mensageira Ellen White.

Precisamos de meios especiais de comunicação uns com os outros numa igreja grande como a nossa. Tem sido encorajador para mim encontrar onde quer que faça uma visita, ao redor do mundo, que os leitores da REVISTA ADVENTISTA sabem o que está a acontecer no seio da família da sua igreja. Concluo que isto é devido ao facto da Revista estar no próprio pulsar do coração do Adventismo. É minha convicção que a Revista deva tornar-se acessível a cada membro (especialmente possível agora desde que 12 edições em quatro línguas — inglês, espanhol, português, francês — e Braille são publicadas). Eu creio que sob a bênção do Espírito Santo ela pode ser um instrumento para gerar unidade e fortalecimento no seio da família da nossa igreja.

Neal C. Wilson